

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB  
CURSO DE HISTÓRIA**

**ALLYSSON PEREIRA BEZERRA**

**É HORA DA CURTIÇÃO:** os espaços de lazer e sociabilidades juvenis na cidade de  
Monsenhor Hipólito-PI na década de 1980

**PICOS – PI  
2014**

**ALLYSSON PEREIRA BEZERRA**

**É HORA DA CURTIÇÃO:** os espaços de lazer e sociabilidades juvenis na cidade de Monsenhor Hipólito-PI na década de 1980

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

**PICOS – PI  
2014**

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**B574e** Bezerra, Allysson Pereira.

É hora da curtição: os espaços de lazer e sociabilidades juvenis na cidade de Monsenhor Hipólito-PI na década de 1980 / Allysson Pereira Bezerra. – 2014.

CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (72 f.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof. MSc. Raimundo Nonato Lima dos Santos

1. Lazer. 2. Sociabilidade. 3. Juventude. 4. Monsenhor Hipólito. I. Título.

**CDD 981.812 2|**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

#### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao dia 02 (dois) do mês de Dezembro de 2014, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **ALLYSSON PEREIRA BEZERRA** sob o título **É HORA DA CURTIÇÃO: OS ESPAÇOS DE LAZER E SOCIALBILIDADES JUVENIS NA CIDADE DE MONSENHOR HIPÓLITO-PI NA DÉCADA DE 1980.**

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: PROF. MS. RAIMUNDO NONATO LIMA DOS SANTOS  
Examinador 1: PROF<sup>a</sup>. MS. CARLA SILVINO DE OLIVEIRA  
Examinador 2: PROF<sup>a</sup>. MS. ANA PAULA CANTELLI DE CASTRO

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,0.

Picos (PI), 02 de Dezembro de 2014.

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos  
Examinador (a) 1: Carla Silvano de Oliveira  
Examinador (a) 2: Ana Paula Cantelli Castro

Agostinho Coê  
PROF. DR. AGOSTINHO JÚNIOR BOLANDA COÊ  
COORDENADOR DO CURSO DE HISTÓRIA - CSHNG  
SIAPE: 1885698

A minha família, por todo amor que a mim é dado.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, nosso ser supremo, que faz habitar em mim uma fé imensa, e que junto a esta faz com que eu consiga superar as adversidades da vida.

Aos meus pais, por acreditarem em mim e por me apoiarem em todos os momentos difíceis da vida, buscando de todas as maneiras o melhor para mim e não deixando que eu desanime na minha busca pelos meus objetivos.

A meu grande irmão Robson, por ter sido em vários momentos dessa trajetória como um segundo pai para mim, me dando força continuamente para que eu seguisse firme e forte nessa caminhada.

Ao meu grande professor e orientador, Raimundo Lima, pela imensa contribuição, paciência, compreensão e cirúrgicas orientações, que foram fundamentais para realização deste trabalho.

A todos os professores do curso de História que fizeram parte do meu crescimento intelectual, tornando tão enriquecedora essa minha trajetória acadêmica.

Ao meu primo Rodrigo Bezerra, pela imensa contribuição na realização deste trabalho, no que diz respeito às fontes imagéticas.

Aos meus grandes amigos, em especial, Marcus Eduardo, pela contínua parceria, consideração e pelas motivadoras mensagens de apoio, elas contribuíram para que eu perdesse noites e noites de sono estudando, sempre em busca dos meus objetivos.

Aos meus amigos de curso, Eugres, Vinícius, Zé Paulo, Paulo Roberto, Vanessa, Elierson, Luan e Hildegardes, por toda amizade e cumplicidade construída em todos esses anos de vida acadêmica. Às conversas, conselhos, brincadeiras, que fizeram dessa jornada, algo especial em minha vida.

Aos meus entrevistados, pela gentileza, e por me darem o prazer de compartilhar de suas lembranças, tão ricas e importantes para esta pesquisa.

## RESUMO

O trabalho analisa os espaços de lazer e sociabilidades juvenis na cidade piauiense de Monsenhor Hipólito, por meio do estudo das memórias afetivas dos que nela viveram nos anos de 1980. Utilizamos duas principais fontes de estudo: os *depoimentos orais*, coletados através de entrevistas com indivíduos que fizeram parte do cenário da década de oitenta do século XX, além de *fontes imagéticas*, isto é, fotografias que retratam os aspectos da época em estudo. Com base na metodologia da História Oral buscamos investigar as experiências e compreender as práticas e representações simbólicas vivenciadas pelos entrevistados. Tivemos como referencial teórico as discussões de memória de Maurice Halbwachs (2004) e de lazer de Luiz Otávio de Lima Camargo (1989), entre outros. A juventude hipolitana nos seus momentos de ócio, na década de 1980, buscava os espaços de lazer e sociabilidades da cidade para se descontraírem. Lugares estes onde eram desenvolvidas inúmeras experiências, costumes e sensibilidades, que marcaram os lazeres juvenis da época, que, em suma, eram constituídos por banhos, conversas, danças e namoros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lazer. Sociabilidade. Juventude. Monsenhor Hipólito. Década de 1980.

## **ABSTRACT**

This paper analyzes the recreation and youth sociability in a city called Monsenhor Hipólito located in the State of Piauí, Brazil. This study was done through the affectionate memories of those who lived it in the 1980s. We used two main sources of study. First, we collected oral testimony through interview with those who lived in Monsenhor Hipólito in the 80s. Second, we gathered photography which portrayed aspects about the period in study. Based on the Oral History methodology we sought to investigate the experiences, and understand the practical and symbolic representations experienced by the respondents. We had as a theoretical and recreation reference the Maurice Halbwachs memories (2004), and the author Luiz Otávio de Lima Camargo (1989). When the young people felt leisure in the 1980s they sought for recreational and sociable areas in the city to relax. Those spaces were used to development a lot experiences, traditions and sensibilities which became this period as memorable time, such as conversation, dancing, relationships and swimming in the river.

**KEY-WORDS:** Recreation, Sociability, youth, Monsenhor Hipólito, 80s.



## LISTA DE IMAGENS

<b>Figura 01:</b> Evolução numérica da população urbana e rural do Brasil e de Monsenhor Hipólito de 1970 a 2010 e sua situação de domicílio .....	14
<b>Figura 02:</b> Fazenda Riachão. Local de início da formação do povoado. c. 1957 .....	18
<b>Figura 03:</b> Mapa de Monsenhor Hipólito, indicando seus principais povoados, 2014 .....	19
<b>Figura 04:</b> Uma das primeiras ruas de Monsenhor Hipólito, que hoje corresponde à Rua Coronel Antônio Rodrigues. c. 1957 .....	21
<b>Figura 05:</b> Turma da MISELAC reunida na praça no final da década de 1980. Na foto, da esquerda para a direita, de cima para baixo: Eugênia, Mércya, Sílvia, Lia Raquel, Deóclens, Ana Cláudia, Carlene e Ilsete .....	30
<b>Figura 06:</b> Jovens hipolitanas em passeio na Praça Joaquim Bezerra nos anos oitenta. Na foto, da esquerda para a direita: Sílvia, Ilsete e Ana Cláudia.....	33
<b>Figura 07:</b> Jovens curtindo a noite hipolitana na Praça Joaquim Bezerra, no final da década de 1980. Na foto, destacamos José Nilton trajando calça preta com desenho de esqueleto humano .....	34
<b>Figura 08:</b> Igreja de Santa Ana, carinhosa e comicamente comparada a um "armazém" pela população hipolitana.....	35
<b>Figura 09:</b> Rapazes e moças frequentando a Igreja de Santa Ana, juntamente com seus familiares, na década de 1980.....	37
<b>Figura 10:</b> A nascente, utilizada pela população hipolitana para tomar banho e que acabou servindo de inspiração para designar o lugar.....	39
<b>Figura 11:</b> Jovens tomando banho na Nascente durante a década de 1980.....	39
<b>Figura 12:</b> Hipolitanos curtindo um dia de lazer nas Nascentes durante a década de 1980.....	41
<b>Figura 13:</b> Jovens moças posando para fotos em uma das várias pedras existentes no <i>Balneário Pedra Caída</i> , na década de 1980. E ao fundo, a piscina. Na foto, da esquerda para a direita: Maria Sílvia de Sousa e Eugênia.....	45
<b>Figura 14:</b> Garotas concorrendo a um concurso de beleza realizado na piscina, no ano de 1993. Os desfiles eram realizados na borda da piscina .....	47
<b>Figura 15:</b> O Morro da Cruz na atualidade (2014) .....	48
<b>Figura 16:</b> Equipe de futebol de Monsenhor Hipólito posando para fotos, na década de 1980 .	51

<b>Figura 17:</b> Jovens jogadores de futebol de Monsenhor Hipólito posando para fotos, na década de 1980 .....	52
<b>Figura 18:</b> Jovem equipe do América de Monsenhor Hipólito posando para fotos, em outubro de 1989 .....	52
<b>Figura 19:</b> Equipe da Associação no campo do Areião da Cohab, na década de 1980.....	53
<b>Figura 20:</b> O interior do Bar de Virgílio. Na foto, o proprietário Virgílio de Sá Bezerra Sobrinho posando para foto, e ao fundo o seu estoque de bebidas. c. 1884.....	56
<b>Figura 21:</b> Foto tirada no interior do Bar de Rogério na década de 1980. Na foto, da esquerda para a direita, Rogério de Sousa Carmo (o proprietário do bar) e José Nilton Feitosa .....	58
<b>Figura 22:</b> O ambiente do Sawanna Club em noite de festa, na década de 1980. Na foto, Antônia Ana Bezerra .....	60
<b>Figura 23:</b> Ambiente do Skalla Club em noite de festa, na década de 1980.....	60
<b>Figura 24:</b> José Nilton Feitosa trabalhando como DJ e animando as noites hipolitanas em 13 de agosto de 1994. Ao lado, seus instrumentos de trabalho como fitas cassete e a mesa de som .....	62
<b>Figura 25:</b> O DJ José Nilton e sua mesa de som, um amplificador de 60 Watts em 20 de agosto de 1994.....	63
<b>Figura 26:</b> Casal de namorados em frente ao <i>Bar Quero Mais</i> (meados da década de 1980) ...	71
<b>Figura 27:</b> Jovens moças dançando no <i>Skalla Club</i> na década de 1980 .....	71
<b>Figura 28:</b> Jovem casal em noite de festa no <i>Skalla Club</i> . Na foto, da esquerda para a direita: Emília Bezerra ( <i>in memorian</i> ) e Edmilson de Sá Bezerra, na década de 1980 .....	72
<b>Figura 29:</b> Noite de festa no <i>Sawanna Club</i> , na década de 1980.....	72
<b>Figura 30:</b> Turma de jovens reunida em frente ao Bar de Virgílio, na década de 1980.....	73
<b>Figura 31:</b> Jovens moças reunidas na <i>Praça Joaquim Bezerra</i> , na década de 1980.....	73

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CIDADE DE MONSENHOR HIPÓLITO .....	18
.....	18
1.1 Os fundadores .....	18
1.2 Primeiras habitações do Riachão .....	20
1.3 Emancipação política de Riachão .....	22
2 É HORA DA CURTIÇÃO: OS ESPAÇOS DE LAZER E SOCIABILIDADES JUVENIS NA CIDADE DE MONSENHOR HIPÓLITO NA DÉCADA DE 1980 .....	26
.....	26
2.1 A Praça.....	28
2.2 A Igreja .....	35
2.3 A Nascimento .....	38
2.4 A piscina .....	43
2.5 O Morro da Cruz.....	48
2.6 Os campos de futebol.....	50
2.7 Os bares.....	55
2.8 Os clubes sociais.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	65
FONTES E REFERÊNCIAS .....	67
ANEXOS .....	70

## INTRODUÇÃO

O processo de urbanização no Brasil tem seu início no século XX, a partir de outro processo, o de industrialização, que funcionou como um dos principais fatores para a mudança da população da área rural em direção à área urbana. Esse deslocamento provocou a mudança de um modelo agrário-exportador para um modelo urbano-industrial. Hoje, mais de 80% da população brasileira vive em áreas urbanas, o que equivale aos níveis de urbanização dos países desenvolvidos (GOBBI, s/d).

Até 1950 a população brasileira era, predominantemente, rural. As principais atividades econômicas estavam ligadas à exportação de produtos agrícolas, como por exemplo, o café. Com o início do processo industrial, em 1930, começou a se criar no país condições específicas para a ampliação do êxodo rural. Somado ao processo de industrialização, outros dois fatores também estiveram associados a esse deslocamento campo-cidade, como a concentração fundiária e a mecanização do campo (GOBBI, s/d).

Segundo dados do IBGE, em 1940, apenas 31% da população brasileira vivia nas cidades. Foi a partir de 1950 que a urbanização se intensificou, com a industrialização realizada por Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Houve a constituição de um mercado interno integrado que atraiu milhares de pessoas para o Sudeste do país, região que possuía a maior infraestrutura e, conseqüentemente, a que concentrava o maior número de indústrias (GOBBI, s/d).

Além disso, outro fenômeno esteve ligado ao processo de urbanização, o da modernização, caracterizado por transformações e avanços ocorridos na economia e no sistema produtivo, que produziram reflexos também na ordem social, pois os serviços de infraestrutura puderam ser oferecidos à população, proporcionando uma melhor qualidade de vida, dos quais se destacam o acesso à eletricidade, água tratada, acesso aos meios de comunicação em massa como o rádio, televisão, aumento na expectativa de vida e diminuição nas taxas de analfabetismo e mortalidade infantil (GOBBI, s/d).

Diante desse panorama de urbanização e modernização onde há a formação de cidades e a concentração de um contingente populacional nestas, ocorre também o surgimento de espaços públicos ou privados que tem a função de atender as necessidades dessa população, no que diz respeito à sociabilidade e ao lazer. Pois para que se possa viver em sociedade, é

necessário que haja locais de descontração para entreter a população nos seus momentos de ócio, em que as pessoas estão livres das obrigações do dia a dia.

Portanto, este trabalho visou catalogar e analisar os espaços de sociabilidade e lazer da cidade de Monsenhor Hipólito na década de 1980, verificando as mais variadas relações interpessoais, principalmente dos jovens, que eram desenvolvidas nesses locais e refletindo sobre elas.

O porquê de trabalhar tal tema veio a partir do estudo da disciplina *Cidades e História* do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí/Campus de Picos, ministrada pelo Professor Raimundo Nonato Lima dos Santos. A partir dessa disciplina tive contato com textos e autores bastante importantes acerca do estudo do campo temático *história das cidades* e seu cotidiano, como também de suas sociabilidades. Um exemplo desses autores é a urbanista Raquel Rolnik (2004) que define a cidade como “um ímã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens”. De acordo com essa ideia, percebemos que a Praça Joaquim Bezerra – o principal logradouro público da cidade de Monsenhor Hipólito – constituía um campo de atração dos jovens no espaço da cidade no período da década de 1980. Era nela onde se praticavam boa parte dos lazes juvenis, desde o encontro com os amigos aos namoros nos bancos da praça.

Com a leitura desses textos da disciplina *Cidades e História* tive a inspiração e o desejo de estudar a cidade na qual não nasci, mas cresci e me criei – Monsenhor Hipólito. Assim espero contribuir para sua história local, a história de uma cidade que passei a amar. Além disso, através deste trabalho, vejo uma forma de contribuir para a ampliação das discussões do estudo de cidades.

Outro fato que justifica a escolha desse tema foi o meu interesse em conhecer como se davam as relações sociais dos jovens hipolitanos nos seus locais de lazer, algo que é fruto das inúmeras conversas que tive e histórias que ouvi de tios, primos e amigos que tiveram na década de oitenta a sua juventude, contando como eram os lazes nas suas épocas, trazendo à tona um sentimento saudosista e se emocionando ao usarem sempre as mesmas palavras: “na minha época era diferente”. Isso me motivou a buscar estudar essas relações, essas sociabilidades.

O fato de escolher a década de 1980 como recorte temporal deste trabalho segue a lógica de que, embora o Brasil já na década de 1970 tenha se tornado um país urbano, onde a

população urbana é maior que a população rural, o Nordeste, em si, só tem o seu processo de urbanização concretizado na década de 1980, estando, portanto, mais próximo da realidade de Monsenhor Hipólito. Porém, esta ainda sofria o seu processo de urbanização neste período, não estando ainda integrada a essa nova realidade, mas mesmo não tendo ainda consolidada a sua urbanização, já possuía um contingente populacional considerável que frequentava os mais variados espaços de lazer da cidade. Além disso, a escolha pelos anos oitenta foi importante pelo fato de ser um passado recente, e por conta disso, dispõe de fontes orais e imagéticas mais acessíveis para se realizar uma pesquisa sobre esse tema. A tabela a seguir mostra a evolução demográfica do Brasil e de Monsenhor Hipólito desde a década de 1970.

Tabela 202 - População residente por sexo e situação do domicílio											
Sexo = Total											
Brasil e Município	Situação do domicílio	Variável X Ano									
		População residente (Pessoas)					População residente (Percentual)				
		1970	1980	1991	2000	2010	1970	1980	1991	2000	2010
Brasil	Total	93.134.846	119.011.052	146.825.475	169.799.170	190.755.799	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
	Urbana	52.097.260	80.437.327	110.990.990	137.953.959	160.925.804	55,94	67,59	75,59	81,25	84,36
	Rural	41.037.586	38.573.725	35.834.485	31.845.211	29.829.995	44,06	32,41	24,41	18,75	15,64
Monsenhor Hipólito - PI	Total	4.243	4.640	6.276	6.764	7.391	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
	Urbana	1.122	1.568	2.118	2.630	3.485	26,44	33,79	33,75	38,88	47,15
	Rural	3.121	3.072	4.158	4.134	3.906	73,56	66,21	66,25	61,12	52,85

Figura 01: Evolução numérica da população urbana e rural do Brasil e de Monsenhor Hipólito de 1970 a 2010 e sua situação de domicílio.

Fonte: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=202&z=t&o=25&i=P> Acesso em 20/11/2014.

Como podemos observar, até o último censo de 2010, a cidade de Monsenhor Hipólito ainda não havia concluído o seu processo de urbanização, pois a população rural ainda era maior que a urbana, portanto, durante a década de 1980 a cidade ainda caminhava para essa nova realidade, só que, no entanto, a mesma já possuía um número de habitantes relevante, que frequentava os espaços de lazer e sociabilidades da cidade.

Acerca do estudo sobre o lazer e as sociabilidades, a historiadora Karla Íngrid de Oliveira, parafraseando e citando Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas explica que

O lazer e as sociabilidades puderam ser objeto de estudo a partir do advento da Escola dos Annales. Foi na década de 1970, na terceira geração dos Annales, que ocorreu uma mudança de foco, saindo do estruturalismo econômico para o estudo do *cotidiano* e das *representações*, ou seja, desprendendo-se do estudo do indivíduo separado da sociedade em que vive

e dando importância às experiências e à realidade desses indivíduos dentro dos grupos a que pertence. Somente nos anos 1980, na França, com Roger Chartier e Michel de Certeau, esses novos estudos se firmaram enquanto a chamada História Cultural. A História Cultural propunha o estudo do *indivíduo*, da *cultura popular* e do *cotidiano*, como uma história a ser escrita e também valorizada, uma história dos pormenores, pensando nas diferenças através do estudo dos conflitos socioculturais, tendo em vista que nenhuma sociedade é igual. (CARDOSO; VAINFAS, apud OLIVEIRA, 2011, p. 13).

O presente trabalho tem como referencial teórico a perspectiva de Maurice Halbwachs (2004) e os seus conceitos de memória coletiva e de memória individual, que contribuem para o estudo no sentido de perceber um indivíduo na coletividade de práticas e formas de existir na cidade de Monsenhor Hipólito durante os anos de 1980. Segundo Halbwachs, a memória coletiva permite um sentimento de pertencimento a um grupo, pois nenhum indivíduo está só, suas lembranças perpassam sempre pela coletividade.

Esta pesquisa sustenta-se ainda nas discussões de Luiz Otávio de Lima Camargo (1989) acerca do conceito de lazer. Para ele o lazer nada mais é que um conjunto de atividades prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais e artísticos, realizadas num tempo livre conquistado sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico e que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Dessa maneira, buscamos compreender o lazer como atividades que geram prazer e que são resultados de uma escolha por parte dos indivíduos, no momento em que estes estão livres das obrigações diárias.

Ainda como referencial teórico, utilizamos Pierre Nora (1993) e a sua categoria de “lugares de memória”. Segundo ele, em meio à crise da história-memória e do fim da memória por si só, que, através das quais a contemporaneidade não atinge a sua identidade, os lugares de memória surgem como único meio de se atingir essa identidade, à medida que por meio deles tem-se acesso às lembranças e à memória naturais que estão atreladas a eles. Nesse sentido, pensamos os espaços de Monsenhor Hipólito como lugares que remetem às lembranças e às memórias dos entrevistados.

O trabalho se baseia ainda nas obras dos autores Miguel Joaquim Bezerra (2007) e Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012), onde os pesquisadores nos seus trabalhos realizaram um estudo da formação histórica de Monsenhor Hipólito, contribuindo, assim, como fontes secundárias para a realização do primeiro capítulo, que trata exatamente desses primeiros tempos da cidade de Monsenhor Hipólito.

Outra obra de grande importância para a execução desta pesquisa foi o trabalho da autora Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira (2011), pois devido o seu trabalho tratar dos espaços de lazer da cidade de Picos (PI) na década de 1960, abordando, portanto, a mesma temática deste trabalho, acabou servindo como uma bússola, à medida que nos trouxe inspiração e nos serviu como modelo para a execução desta pesquisa.

A realização desta pesquisa buscou analisar as sociabilidades e o lazer dos jovens de Monsenhor Hipólito na década de 1980, realizando um catálogo dos espaços de lazer da cidade, estabelecendo suas localizações e características físicas, estudando como tais espaços eram utilizados pelos jovens hipolitano, conhecendo quais as práticas e relações que eram desenvolvidas nesses lugares, e analisando e refletindo sobre como se davam essas relações interpessoais.

Neste trabalho, utilizamos duas fontes de estudo: os *depoimentos orais*, coletados através de entrevistas com indivíduos que fizeram parte do cenário da década de oitenta do século XX, além de *fontes imagéticas*, como fotografias que retratam os aspectos da época em estudo. Contribuíram para este trabalho, seis entrevistados, homens e mulheres de diferentes camadas sociais, são eles: Mércya Naidé Bezerra de Sousa, Antônio Anastácio de Sousa, Maria Sílvia de Sousa, José Nilton Feitosa, Lia Raquel Lima Bezerra e Daniel Lima Bezerra. A escolha dos depoentes foi pelo fato de todos serem “filhos da terra” e por terem feito parte da juventude hipolitana na época estudada.

A pesquisa em questão foi voltada para aspectos da cultura popular, dos hábitos e costumes de uma localidade, do cotidiano, entre outros. Para tanto, decidimos trabalhar com a História Oral, interligada diretamente com a Memória daquela sociedade. A História Oral produz narrativas orais, que são narrativas de memória. Estas, por sua vez, são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas, também, como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade.

Acerca disso, Verena Alberti dispõe:

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de construção de fontes para o estudo da história [...] O trabalho com história oral pode mostrar como a construção da memória é o objetivo de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo, porque está atrelada a construção de sua identidade. (ALBERTI, apud SANTOS, 2012, p.15).

O trabalho está dividido em duas partes. No primeiro capítulo “**O processo de formação da cidade de Monsenhor Hipólito**”, realizamos um estudo da formação histórica de Monsenhor Hipólito, que nos permitiu conhecer seus fundadores, as primeiras ruas e



habitações construídas, como também a sua emancipação política, quando o então povoado Riachão foi elevado à categoria de cidade.

No segundo capítulo **“É hora da curtição: os espaços de lazer e sociabilidades juvenis na cidade de Monsenhor Hipólito na década de 1980”**, apontamos os espaços de lazer e sociabilidades de Monsenhor Hipólito, vivenciados pelos jovens na década de oitenta. Além disso, analisamos as características desses lugares e estudamos e refletimos sobre as relações interpessoais desenvolvidas nos mesmos.

## Capítulo 1

### O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CIDADE DE MONSENHOR HIPÓLITO

#### 1.1 Os fundadores

A cidade de Monsenhor Hipólito possui uma área de 391,304 Km<sup>2</sup>, sendo o clima Tropical semiárido quente, com duração do período seco de sete a oito meses e uma vegetação de Caatinga arbórea e arbustiva e, como recursos hídricos, possui os rios *Riachão* e *Chopeiro* (IBGE, 2010, – CEPRO, Diagnóstico socioeconômico – 1990). Esta cidade, localizada no sudeste do estado do Piauí, nasceu da Fazenda Riachão (data do município de Picos), em meados do século XIX. O fato de a cidade ser situada num vale de terras férteis, entre serras e morros, com incidência de olhos d'água e nascentes perenes, favoreceu durante muito tempo a plantação de cereais e hortaliças necessárias à sobrevivência de sua população. Havia também o rio Riachão, que corta a região ao meio e que deu nome ao então povoado “Riachão”, com nascentes a partir do povoado de Patrocínio – atual Pio IX – se estendendo por aproximadamente 120 km, até desaguar no Rio Guaribas, no então povoado de Rodeador – atual cidade de Santo Antônio de Lisboa – formando um cinturão verde, propício para a agricultura e pecuária com a criação de equinos, caprinos e ovinos (SANTOS, 2012).



Figura 02: Fazenda Riachão. Local de início da formação do povoado. c. 1957.  
Fonte: Arquivo particular da Senhora Ana de Sousa Bezerra.

De acordo com Miguel Bezerra (2007), a Fazenda Riachão teve como fundadores Vitor Avelino de Sousa, Izidro Pereira Bezerra e Antônio dos Anjos. Vitor Avelino foi casado com Ana de Jesus Batista (mais conhecida como Aninha do Juá, que era tia-avó do Padre

Cícero Romão Batista, do Juazeiro, o famoso “*Padim Ciço*”). Aninha viveu aproximadamente 105 anos. Já Vitor Avelino de Sousa era originário de Novo Exu, Estado de Pernambuco, e mudou-se para o Piauí com seu irmão Vicente de Sá Ferreira, situando-se no Gronhão (localidade do povoado Riachão), o mesmo tinha parentesco com a família de Francisco de Sá Camarço, este era parente consanguíneo de Perciliana de Sá, filha de Antônio Vieira de Sá e esposa de José Alves Bezerra, mais conhecido como “Zezinho Bezerra”, homem que se tornou patrono fundador de Monsenhor Hipólito. Izidro Pereira era “filho da terra”, nascido na fazenda Barras, próxima à cidade de Pio IX. Foi casado com Maria Sacramento da Rocha Soares, que foi sua primeira esposa, com descendência em Bocaina/ Picos. Sua segunda esposa foi Raimunda Ferreira, parente de Vitor Avelino. Já Antônio dos Anjos foi casado com Maria Policarpo do Carmo, conhecida como “Zingueira”.

Segundo a senhora Ana de Sousa Bezerra, uma antiga moradora da cidade, em entrevista concedida ao autor Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012), os primeiros moradores do povoado Riachão estavam localizados da seguinte maneira: Vitor Avelino, no Juá, Saco da Roça, Serrinha e Goulart; Izidro Pereira Bezerra com ranchos na fazenda Cocos, “casa grande” próxima ao açude dos cocos, construído ainda por escravos, na década de 1870, além do Quaresma, Olho D’aguinha, Saco Cercado e Saco do Pinheiro, na ribeira do Riachão; Antônio dos Anjos passou a residir na fazenda Batedor, Lagoa Dantas, à margem direita do rio Riachão. Tal descrição foi transmitida oralmente durante as gerações, de mães e pais para filhos, e assim sucessivamente.

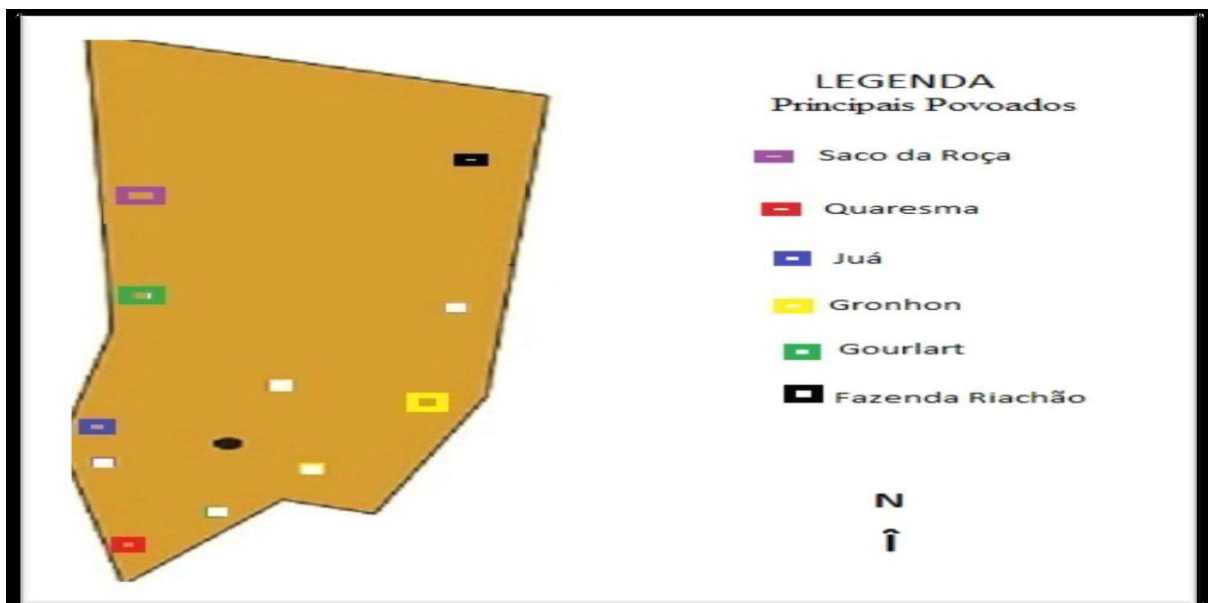


Figura 03: Mapa de Monsenhor Hipólito, indicando seus principais povoados, 2014.

**Fonte:** Mapa elaborado por Pablo Marcel Bezerra dos Santos, apenas para efeito didático, sem os rigores científicos da cartografia, 2012. **In:** SANTOS, Pablo Marcel Bezerra dos. **Educação e Sociedade na cidade de Monsenhor Hipólito-PI durante os anos de 1975 a 1998.** 2012. p. 20.

Como se pode ver, o mapa acima traz os principais povoados da cidade de Monsenhor Hipólito. Na cor preta, está a Fazenda Riachão, primeiro núcleo de habitantes da cidade, o Saco da Roça, vem marcado na cor roxa, o Quaresma na cor vermelha, o Juá na cor azul, o Gronhon na cor amarela e o Goulart na cor verde. Já os demais pontos esboçados no mapa correspondem a pequenos povoados de menor relevância ou situados nas adjacências da sede da cidade.

## **1.2 Primeiras habitações do Riachão**

Para tratar das primeiras casas do povoado, torna-se imprescindível a utilização da obra de Miguel Bezerra (2007), uma vez que o autor comenta sobre as primeiras habitações do povoado Riachão e, também, sobre os seus primeiros moradores, como por exemplo, Pedro Sabino Corrêa, vulgo “Pedro Bonito”, que foi dono da primeira casa construída no local, onde hoje se situa a cidade, no alto à frente da igreja, atual Praça Pereira Bezerra. Pedro Bonito era oriundo do estado do Ceará, ele vendeu a casa do povoado Riachão para Carlos Hipólito e para Joaquim Pereira Bezerra. É importante ressaltar que alguns dos moradores mais antigos da cidade não têm um consenso sobre onde foram, realmente, construídas as primeiras casas. Enquanto uns ressaltam a atual Avenida Manoel Alves Bezerra, outros acreditam que as primeiras casas foram levantadas onde hoje se localiza a Avenida Norberto Gomes.

Para Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012), que também estudou e escreveu sobre o assunto supracitado, mesmo diante desses desacordos, acredita-se que as primeiras casas construídas no povoado, na atual Avenida Manoel Alves Bezerra, foram de Joaquim Rufino Bezerra (primeiro filho de Izidro Pereira), por volta do final do século XIX, ao lado da casa de Vitor Avelino e Ana de Jesus, além das casas dos Pereiras – Joaquim e Elói. Tendo a igreja a sua frente, havia a casa do Coronel Antônio Rodrigues, e do outro lado da praça, a casa da família Policarpo do Carmo, as quais formavam a praça central, com a frente da igreja voltada para o mercado, onde atualmente fica o centro comercial da cidade. Ao lado Oeste da igreja se situava a casa-fazenda do “tabuleiro” de Carlos Hipólito de Sousa, que era casado com Izabel Maria da Conceição, natural da fazenda do Rato, atual Fronteiras, pais do Padre João Hipólito de Sousa Ferreira, mais conhecido como Monsenhor Hipólito. Um pouco mais a frente, ficava localizado o então Olho D’água da cidade, com água em abundância devido a uma fonte perene. Hoje, este olho d’água ainda existe, o mesmo configura-se como um lugar onde algumas pessoas lavam suas roupas.

Durante o século XX houve um crescimento populacional do povoado Riachão levando-o a ser vinculado ao município de Picos.

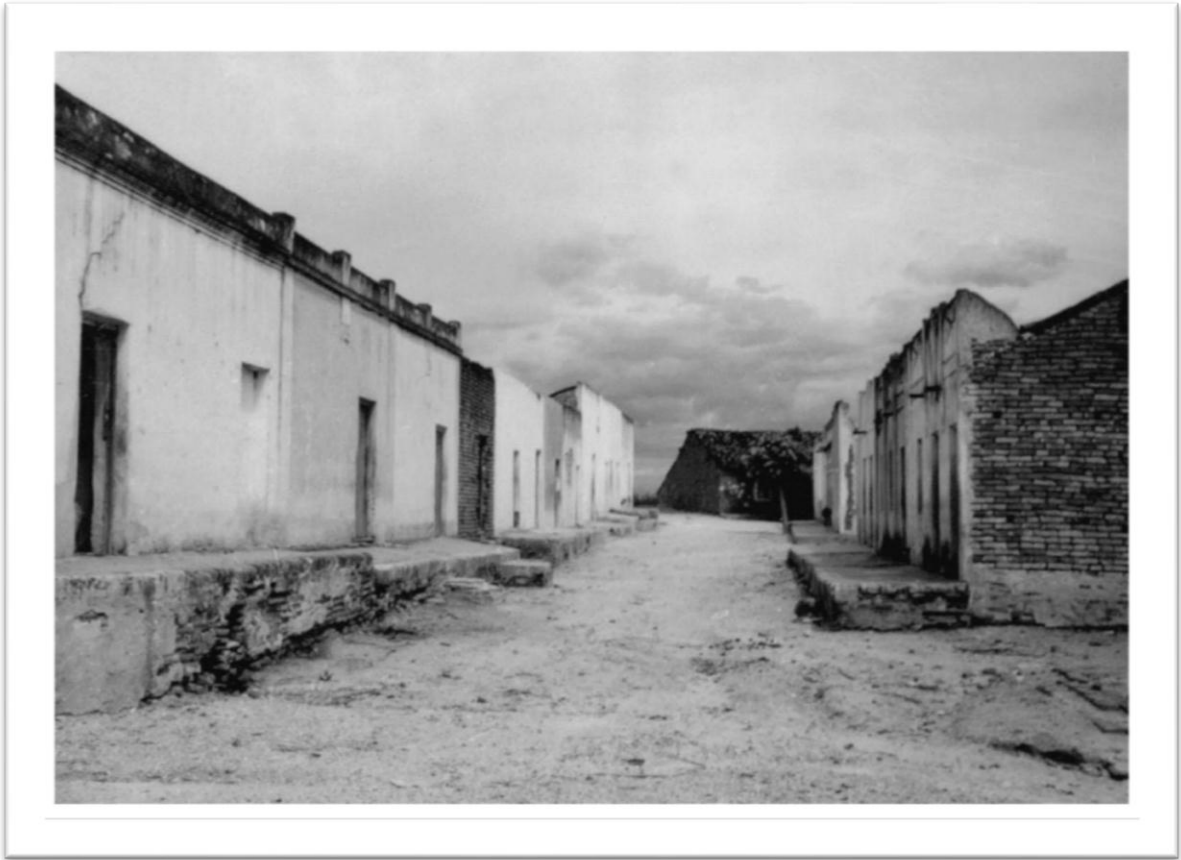


Figura 04: Uma das primeiras ruas de Monsenhor Hipólito, que hoje corresponde à Rua Coronel Antônio Rodrigues. c. 1957.

Fonte: Arquivo Particular da Senhora Maria das Graças Santos Bezerra Ribeiro Pinto.

Boa parte dos hipolitanos acredita que a rua da imagem acima seja uma das primeiras ruas da cidade de Monsenhor Hipólito. Vale ressaltar a observação feita por Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012) ao analisar essa mesma imagem em seu trabalho, enfatizando as casas da época. Para o autor:

[...] a arquitetura da época – ainda com resquícios do período colonial brasileiro – ressalta traços muito diferentes dos de hoje, onde não existia a privacidade, devido à proximidade de uma casa a outra. Os tijolos utilizados na construção dessas casas eram bem maiores que os usados em construções atualmente (SANTOS, 2012, p. 23).

Percebe-se também o quão estreitas eram as ruas, demonstrando assim uma ideia ainda incipiente sobre cidades, sem preocupação com medidas de locomoção e mobilidade, uma vez que a população era muito pequena, e também devido os automóveis ainda não fazerem parte da realidade dos moradores. Além disso, chama a atenção a não edificação de muros à frente das casas, o que diminuía a privacidade, sem distinguir o público do privado.

### 1.3 Emancipação política de Riachão

O processo de emancipação política do Povoado Riachão foi algo complicado. Primeiramente, a partir da década de 1950, o Brasil passava por um acelerado processo de urbanização, que, em suma, significa o aumento da população urbana em relação à população rural, resultando na emancipação política de muitas cidades por todo o Brasil. Em meio a esse momento histórico vivido pelo país, os representantes políticos de Riachão, de certa maneira, influenciados por esse fenômeno do *status quo* brasileiro – emancipação política de um povoado à categoria de cidade –, decidiram dar a sua região o mesmo rumo. No entanto, o povoado, que até então era vinculado ao município de Picos, necessitava, por lei, atender a alguns pré-requisitos para que pudesse se tornar uma cidade. As condições exigidas para tal eram as seguintes:

Os municípios podem incorporar-se entre si, subdividir-se ou desmembrar-se para se anexarem a outros ou formarem novos municípios, mediante lei do Estado, para cuja aprovação são exigidos dois terços da totalidade dos votos da Assembleia, cabendo a iniciativa:

I) Às respectivas Câmaras Municipais, conjuntas, no caso de incorporação, e isoladas, nos demais casos, sempre por maioria absoluta;

II) A seiscentos eleitores, no mínimo, dentre as populações diretamente interessadas;

1º - A formação de novos municípios penderá, em qualquer caso, da coexistência das seguintes condições:

- a) população mínima de oito mil habitantes;
- b) renda anual mínima de vinte mil cruzeiros;
- c) patrimônio mínimo de vinte mil hectares.<sup>1</sup>

De acordo com o fragmento da Constituição do Estado do Piauí exposto acima, o Povoado de Riachão jamais poderia ter sido elevado à categoria de cidade, já que não atendia às necessidades previstas pela lei estadual, que exigia uma população mínima de oito mil habitantes para a formação do novo município. Diante desse fato, surge um questionamento que também serviu como indagação para Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012) no seu trabalho, que é acerca do motivo que levou os políticos de Riachão a solicitar a emancipação política do povoado. Ao analisar a questão, Santos (2012, p. 23) acredita que um dos principais motivos “tenha sido a entrada de capitais destinados diretamente para a nova cidade, além do poder político que estes iriam obter com tal projeto e do prestígio social dentro da cidade”.

---

<sup>1</sup> CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DO PIAUÍ, de 22 de Agosto de 1947. [Item I, do Art. 12] In: MORAIS, Eliane Rodrigues de. **De Papagaio a Francinópolis**. Teresina: EDUFPI, 2008. p. 135.

Com relação ao processo de emancipação política do povoado Riachão em termos práticos, Miguel Bezerra (2007) relata que a primeira tentativa de tornar o povoado uma cidade foi em 1954, por iniciativa de José Alves Bezerra, vulgo “Zezinho Bezerra”, um dos chefes políticos do município de Picos, que era natural de Riachão. Vereador em duas legislaturas, Zezinho Bezerra levou o projeto à Câmara de Vereadores de Picos, sendo este aprovado em primeira instância. Entretanto, devido à proximidade das eleições daquele ano, e sendo Riachão um reduto de votos considerável, os chefes políticos, principalmente os do Partido Social Democrático (PSD) – interessado nos votos daquela zona eleitoral, já que o povoado de Riachão era um dos redutos políticos desse partido –, trabalharam para retirar da pauta de votações o projeto de emancipação do povoado de Riachão em cidade. A intenção era discuti-lo somente após as eleições, inviabilizando, assim, a sua chance de emancipação política, o que gerou um descontentamento dos habitantes do povoado. O projeto foi então retirado.

A princípio, o projeto solicitava que o povoado de Riachão fosse emancipado e transformado em município, abrangendo a fazenda de mesmo nome e as fazendas de Jenipapeiro e de Rodeador (atuais municípios de Francisco Santos e Santo Antônio de Lisboa, respectivamente), ambas pertencentes ao município de Picos. Posteriormente, em novembro de 1956, José Alves Bezerra, juntamente com seu filho Virgílio de Sá Bezerra e seu genro Manoel Alves Bezerra, foram à luta pela emancipação do povoado Riachão mais uma vez. Dessa vez, um novo projeto foi levado à Câmara de Vereadores de Picos, só que dessa vez sob a autoria do vereador Ângelo de Maria Bezerra, vereador eleito por Riachão.

Segundo Miguel Bezerra (2007), a União Democrática Nacional via com bons olhos a criação do município de Riachão, pois dessa maneira poderia livrar-se do grande número de votos em Picos, em que esta era opositora na então cidade. No entanto, o partido não era a favor da inclusão das fazendas do Rodeador e do Jenipapeiro. A partir desse momento, surge outro fato, os habitantes da fazenda de Jenipapeiro dirigiram-se à Câmara de Vereadores de Picos, visando também emancipar o povoado, incluindo o povoado de Riachão. Agora estava formado um imbróglio, nem Riachão se conformava em pertencer a Jenipapeiro, nem Jenipapeiro a Riachão, e assim, os dois povoados continuaram vinculados a Picos.

Frustrados por não terem conseguido o povoado de Jenipapeiro, os políticos de Riachão se dirigiram à cidade de Fronteiras no desejo de conseguir do então prefeito daquela cidade, Antônio Pereira Bezerra, parente próximo de Zezinho Bezerra, a cessão do povoado Alagoinhas para integrar o novo município. Porém, tal esforço foi em vão, pois Alagoinhas

pertencia ao município de Fronteiras, e aquele povo não estava disposto a desfazer daquele povoado.

Sem obter sucesso em Picos e em Fronteiras, os representantes entraram com o projeto de emancipação do povoado, englobando apenas Riachão, e uma pequena faixa de terra da fazenda Jenipapeiro. No dia 30 de novembro de 1956, a Lei N° 1.445 cria o município de Monsenhor Hipólito e dá outras providências:

Art. 1°. É criado o Município de Monsenhor Hipólito, que se desmembra do Município de Picos deste estado, ficando constituindo da data Riachão e parte da data de Jenipapeiro.

Art. 2°. O município de Monsenhor Hipólito terá como sede o atual povoado de Riachão que é elevado à categoria de cidade.

Art. 3°. O município ora criado será instalado no dia 26 de julho de 1957.

Art. 4°. As eleições para Prefeito e Vice-Prefeito e cinco vereadores municipais, cujo cargo, fica de logo criado pela presente lei, com a competência e atribuições definidas pela lei de organização judiciária. (BEZERRA, 2007. p.207).

A lei acima deixa explícito que o município de Monsenhor Hipólito foi instalado no dia da festa de sua Padroeira, Santa Ana, em 26 de julho de 1957. Na solenidade de emancipação política da cidade, faziam-se presentes o então Governador do Estado de 1955 a 1959, General Jacob Manoel Gaioso e Almendra, o Vice Governador Francisco Pereira de Castro, o Presidente da Assembleia Legislativa do Estado, o então prefeito de Picos, João de Carvalho Moura, João Sousa Libório, filho de descendentes de Riachão, Dom Paulo Hipólito de Sousa Libório, então Bispo da cidade de Caruaru, no Estado do Pernambuco, Virgílio de Sá Bezerra, que era então Escrivão da Coletoria Estadual de Riachão, Hamilton da Silva Lima, escrivão do Cartório Único de Riachão, além de outros tantos nomes entre autoridades de filhos pródigos de Riachão.

Ainda de acordo com a obra de Miguel Bezerra (2007), as solenidades ocorreram pela manhã e à tarde. A partir das 14 horas, foi realizada uma sessão solene, do prédio da Escola Municipal Grupo Escolar Dom Expedito Lopes, ficando nomeado como primeiro prefeito de Monsenhor Hipólito, Manoel Bento Rodrigues.

Através deste primeiro capítulo, pode-se constatar uma série de fatores a respeito da formação histórica de Monsenhor Hipólito: como se deu essa formação, inicialmente ligada à antiga fazenda Riachão; o papel fundamental do Rio Riachão para que o povoado pudesse ter condições de se desenvolver; os fundadores da cidade, de onde vieram, as quais famílias pertenciam, o que explica, por exemplo, a extensão das famílias Bezerra e Policarpo e seu papel relevante na cidade; as primeiras ruas e casas edificadas, como também sua arquitetura; e a emancipação política da região, caracterizada como um processo conturbado, de muita



agitação por parte dos seus líderes políticos, e de disputa política com regiões vizinhas, além da ilegalidade da emancipação, uma vez que a criação da cidade de Monsenhor Hipólito não preenchia os quesitos necessários, ficando fora das normas estabelecidas pela lei, mas que devido à manobras políticas, teve a situação de ilegalidade desconsiderada, sendo o povoado elevado à categoria de cidade no dia 26 de julho de 1957.

A partir de então, depois de emancipada, a cidade de Monsenhor Hipólito, durante as décadas posteriores, passaria por um processo de continuação de sua urbanização, fenômeno esse que está estreitamente ligado ao processo de modernização, caracterizado por transformações e inovações em vários aspectos da cidade, como na economia, na saúde, na educação e, principalmente, no que diz respeito à estrutura física, pois foi em meio a essa tendência que surgiram vários estabelecimentos públicos e privados, de caráter comercial e/ou cultural com a finalidade de abastecer e suprir as necessidades do novo contingente populacional que agora habitava a rede urbana, e dentre eles destacamos os que consistiam em espaços de sociabilidades, que geralmente serviam como lugares de lazer para a população. E são esses espaços de sociabilidades que serão nossos objetos de estudo no próximo capítulo.

## Capítulo 2

### É HORA DA CURTIÇÃO: OS ESPAÇOS DE LAZER E SOCIABILIDADES JUVENIS NA CIDADE DE MONSENHOR HIPÓLITO NA DÉCADA DE 1980

Tendo como espaço a cidade de Hill Valley, o filme *De volta para o futuro*<sup>2</sup> conta a história de Marty McFly, amigo de um excêntrico cientista (Dr. Emmet Brown) que constrói uma máquina do tempo em um Delorean, um carro esportivo da época. Após um incidente com terroristas, Dr. Brown é baleado e Marty acaba voltando no tempo para fugir dos bandidos, chegando em 1955, onde encontra seus pais adolescentes. Sem querer, Marty acaba interferindo no primeiro encontro do casal, pondo em risco a sua própria existência. Mas o jovem encontra também o jovem Dr. Brown, 30 anos mais novo, e o convence que chegou àquele ano enviado pela máquina do tempo inventada futuramente pelo amigo. Os dois partem então numa saga para salvar o futuro relacionamento dos pais do garoto e enviá-lo "de volta para o futuro".

O fato de usar essas palavras como parte introdutória deste capítulo não é devido, unicamente, ao grande fascínio que tenho por esse clássico de Hollywood, mas também porque, em se tratando de sociabilidade e lazer, é quase impossível não me lembrar desse filme, visto que algo marcante durante todo o desenvolvimento da trama são os espaços de sociabilidade da pequena Hill Valley, mais especificamente o café, a praça do relógio da Torre, a escola frequentada pelos pais de Marty e o clube onde à noite acontece o baile "Encanto Submarino". Tais espaços são de fundamental importância para a construção da narrativa, pois neles é desenvolvida grande parte das relações interpessoais em torno das quais gira toda a história. Dentre as relações que se constroem nos espaços de sociabilidade da fictícia cidade de Hill Valley, no ano de 1955, estão relações de descontração, amor, amizade, inimizade, conflitos, bullying, discussão política, enfim, relações gestadas em momentos de lazer.

Como definição de lazer, Castelo Branco, citado pela autora Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira (2011, p. 29), entende que são “todos os momentos da vida cotidiana em que as pessoas deixam suas labutas e se apresentam em público, com objetivo de se divertirem e saírem da rotina diária”. O conceito de lazer foi por muito tempo alvo de várias discussões,

---

<sup>2</sup> De Volta para o Futuro. Direção: Robert Zemeckis Estados Unidos: Universal Pictures, 1985. 1. DVD (116 min), NTSC, color. Título Original: Back to the Future.

transformações e ressignificações. Inicialmente, o interesse por esse tema remonta ao século XIX, por meio de Maximilien Littré<sup>3</sup>, que estabelecia o lazer como um momento disponível após as ocupações, porém, essa ideia não era ainda muito bem definida, gerando indagações sobre o verdadeiro significado do lazer em contraposição ao que seria tempo livre.

Posteriormente, já no início do século XX, o lazer passou a ser entendido como *distração/ocupação* no qual o indivíduo poderia se entregar de espontânea vontade, durante o tempo não ocupado pelo trabalho.

Em âmbito nacional, pouco se produziu sobre lazer antes da década de 1970. No entanto, as produções acerca do tema foram ganhando espaço, se disseminando no meio acadêmico, por conta da grande influência do sociólogo francês Joffre Dumazedier, que participava de debates e pesquisas no Brasil, servindo de fundamentação teórica para muitos pesquisadores, uma vez que, para ele:

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, apud OLIVEIRA, 2011, p. 30).

Interpretando as palavras de Dumazedier, podemos perceber que o autor coloca o lazer como detentor de três funções principais. A primeira seria o descanso, onde o lazer é a forma pela qual os indivíduos descansam e relaxam o corpo e a mente das obrigações inerentes ao cotidiano. A segunda é a de diversão, recreação e entretenimento, uma vez que o lazer seria um dos meios para distração e desligamento das preocupações e da mesmice do trabalho. Já a terceira função diz respeito ao desenvolvimento, na medida em que o lazer faz com que o ser humano produza “comportamentos livremente escolhidos e que visem ao completo desenvolvimento da personalidade, dentro de um estilo de vida pessoal” (DUMAZEDIER, apud OLIVEIRA, 2011, p. 34).

A partir da década de 1970, aos poucos, a criação de centros de estudos aliada às ideias de Dumazedier proporcionou uma ampliação das pesquisas sobre o lazer, o que gerou o surgimento de novas visões e abordagens mais aprofundadas, desde estudos na mesma linha

---

<sup>3</sup>Maximilien Paul Émile Littré foi um filósofo, linguista e filólogo nascido na França que ficou famoso por elaborar o *Dictionnaire de la langue française* anos de 1860. Discípulo de Augusto Comte e representante do positivismo. GOMES, Christianne L.; MELO, Victor A. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. *Revista Movimento*. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2661/1294>> Acesso em 08 jun 2014.

de pensamento, como também questionamentos e propostas um pouco divergentes. Como por exemplo, podemos citar a ótica de Luiz Otávio de Lima Camargo, que entende o lazer como:

[...] um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos, realizadas num tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico e que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. (CAMARGO, 1989, p.76).

A ideia acima condiz com a elaborada por Dumazedier a partir do momento em que ambos enfatizam o caráter da liberdade de escolha sem o peso da obrigatoriedade que é inerente ao trabalho, além de destacar a interferência e relevância do lazer no desenvolvimento social dos indivíduos.

Para Abramo (apud OLIVEIRA, 2011, p. 31), os espaços de lazer constituem um verdadeiro “lôcus privilegiado” para o entendimento das relações sociais. Nesse sentido, concordamos com a visão do autor, pois os nossos entrevistados, após serem indagados sobre as experiências cotidianas na década de 1980, deixaram claro o quão lhes são marcantes os espaços de lazer, já que a maioria destes direcionava suas lembranças para os mesmos. Sendo assim, pretendemos percorrer o mesmo caminho sentimental dos nossos sujeitos, mapeando a geografia dos espaços de diversão e lazer da juventude hipolitana daquele período.

## 2.1 A Praça

A urbanista Raquel Rolnik (2004) define a cidade como “um ímã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens”. De acordo com essa ideia, a **Praça Joaquim Bezerra** constituía um campo de atração dos jovens no espaço da cidade no período da década de 1980. Era nela onde se praticavam boa parte dos lazes juvenis, desde o encontro com os amigos aos namoros nos bancos da praça. A cidade de Monsenhor Hipólito nos anos oitenta tinha a praça como o seu lugar principal de sociabilidades. A praça possuía um formato retangular, com um enorme jardim, que apresentava várias flores e algumas plantas rasteiras, grandes árvores, o que fazia da praça um ambiente bem arborizado, favorável ao correr dos ventos. Os bancos simples em meio às árvores proporcionavam aos frequentadores uma calma, uma temperatura mais amena e uma sensação de ar puro, além, claro, de representar um maior contato com a natureza.

O entorno da praça era formado pela igreja de Santa Ana, pelo mercado, por bares, lanchonete e por uma sorveteria. O que fazia com que ela fosse bastante frequentada

diariamente pelos jovens da cidade, pois tanto crianças como jovens e adultos, saíam da referida igreja, iam lanchar, tomar refrigerante, sorvete, e com isso acabavam sempre frequentando aquele espaço de vivências coletivas.

É interessante ressaltar o caráter de amizade das relações que eram desenvolvidas na praça, geralmente tida como um local para o encontro das turmas de amigos, que se reuniam no final da tarde ou à noite para conversar, brincar, contar piadas, debater sobre vários assuntos, entre outras atividades. A respeito dessas atividades desenvolvidas na referida praça, Mércya Naidé Bezerra de Sousa<sup>4</sup> (2014) relatou em depoimento que

Tinha muito esse negócio de marcar encontro de amigos, entendeu? Marcava encontro de amizade mesmo: “Vamo todo mundo pra praça!”... Aí de lá, ia tendo os casais que iam se formando a partir dali, mas era mais mesmo só no intuito mesmo só de conversa. Aí reunia turmas enorme só pra contar piada. Inclusive tem uma curiosidade aí, que a gente teve uma época que a gente fazia umas músicas, umas turmas fazia com as outras, aí ficava, tipo, rebatendo o que a gente fazia, e eu lembro que a gente se reunia na praça pra isso. (SOUSA, 2014).

Algo relevante para este trabalho, que se pode depreender do depoimento de Mércya Naidé Bezerra de Sousa – no que se refere às relações de amizade geradas na praça, nos momentos de lazer – são as atuações e os costumes das turmas, que continuamente tinham o hábito de cantar músicas, cujas letras envolviam os componentes dos grupos. Sobre esse fato, Mércya Naidé Bezerra de Sousa nos explica mais profundamente em depoimento que

Tinha as que era as autoras, né, tipo, Ana Claudia, Lia Raquel, que faziam as músicas. Por exemplo, nós, Miselac, fazíamos uma música, com as da Jansenarva, aí a gente ia pra praça, reunia toda turma e ia cantar, e a turma ia acompanhando, batendo palmas. Aí, claro, às vezes tinha alguns pés da música que as meninas não gostavam de ouvir, aí depois elas faziam outra pra responder a da gente. Tinha muito isso que a gente gostava. Na época, comprava coxinha, reunia, cotizava (fazia-se uma cota), comprava coxinha, comprava dida e chupava, iaí, tipo assim, onze, onze e meia, aí a gente já retornava pra casa. (SOUSA, 2014).

Os rapazes e moças marcavam de se encontrar na praça, e lá passavam a cantar as músicas compostas em casa com um certo caráter de provocação e, por vezes, com sentidos pejorativos, o que na verdade representava uma grande brincadeira entre as componentes de uma turma, como também uma relação de conflito entre as turmas. Mas de qualquer forma estes jovens aproveitavam o momento para se descontraírem e fazer uma verdadeira festa,

---

<sup>4</sup> Mércya Naidé Bezerra de Sousa nasceu na cidade de Picos (PI), porém a mesma residiu em Monsenhor Hipólito durante toda sua infância e juventude, quando frequentou por várias vezes os vários espaços de lazer de Monsenhor Hipólito na década de oitenta, o que faz dela uma importante atriz social desta pesquisa. Atualmente, a mesma é professora da educação básica pública, formada em Licenciatura Plena em Geografia.

recolhendo então uma pequena contribuição em dinheiro de cada pessoa presente e comprando guloseimas, desde salgados, refrigerante e sorvete, para acompanhar aquele momento de descontração.

As turmas da Miselac e da Jasenarva, as quais a depoente faz referência, eram duas das principais turmas de amigos de Monsenhor Hipólito da época, as mesmas dividiam os espaços, assim como os lazeres e as sociabilidades naquele período, o que gerava uma espécie de rivalidade entre elas. Essas turmas de amigos costumavam permanecer na praça por horas e horas se divertindo, curtindo os finais de tarde e as noites, até atingir o horário máximo permitido pelos pais, cerca de onze ou onze e meia da noite, momento em que retornavam para suas casas.



Figura 05: Turma da MISELAC reunida na praça no final da década de 1980. Na foto, da esquerda para a direita, de cima para baixo: Eugênia, Mércya, Sílvia, Lia Raquel, Deóclens, Ana Cláudia, Carlene e Ilsete. Fonte: Arquivo pessoal de Ana Cláudia.

No entanto, a Praça Joaquim Bezerra constituía-se também em um espaço inerente aos namoros, às relações de afeto. Na década de 1980, a praça era encarada como um lugar ideal para o início e o desenrolar de uma relação amorosa, o que fazia com que fosse extremamente normal se deparar com a praça cheia de casais namorando, diferentemente do que vem

ocorrendo hoje, já que este espaço vem, aos poucos, perdendo tal característica. Sobre esse lado idílico da praça, Antônio Anastácio de Sousa<sup>5</sup> (2014) relatou em depoimento que:

Na nossa época, por exemplo, não tinha um jovem que tivesse uma moto. Hoje todo mundo tem uma moto, tem um carro. Naquela época era muito difícil, nós andava era de pé mesmo, a gente marcava: *“Nós vamos se encontrar na praça, né?”* *“Pois tá bom, pois passa lá em casa.”* *“Tá bom, depois nós passa lá”*. Ou vice e versa, mas o ponto de encontro era a praça, com os amigos, depois ficava aquele negócio de mandar recadinho pra namorada e tal, às vezes você paquerava uma menina, mas era uma coisa mais séria, porque você se encontrava na praça, começava a namorar na praça, e assim, pelo fato de você num ter um carro, uma moto, pra sair, então você se contentava em ficar no banco da praça, você via às vezes a praça lotada de casais namorando, porque hoje em dia é raro você ver um casal namorando na praça, na nossa época, a praça era um ponto de encontro, ali era um foco. (SOUSA, 2014).

Portanto, a Praça Joaquim Bezerra não era apenas um local para as amizades, mas também para os namoros, pois namorar na praça era estar na moda, era viver conforme o ritmo daquele lugar. Ou seja, os automóveis, por exemplo, não eram tão comuns para os jovens daquele período, para que os casais pudessem se deslocar para outros lugares tão facilmente. Assim, os jovens tinham que se contentar com a praça que passou a ter um duplo uso: lugar para amizades e namoros.

A partir da narrativa oral de Antônio Anastácio de Sousa (2014), deve-se destacar também como se davam ou se iniciavam os namoros, que aconteciam por vezes através de recadinhos. As turmas de amigos se reuniam na praça e quando havia o interesse de um rapaz por alguma moça, ele optava pela ajuda de uma terceira pessoa, pedindo que esta fosse até a pessoa alvo do interesse e lhe desse o recado.

Acerca da praça como um espaço para o namoro, Mércya Naidé Bezerra de Sousa também relatou em depoimento que:

Naquela época, num tinha história de esquema, como a gente escuta hoje, em lugar afastado não, era todo mundo ali. Claro, escolhia aqueles bancos mais reservados, mas o lugar dos encontros dos namorados era na praça mesmo, eu mesmo namorei muito na praça. Claro que sempre tem, né Allysson, assim, pessoas, que, os tidos como mais danados, que preferiam se afastar, mas era... o ponto de encontro mesmo era na praça, muitos casais de namorados na praça. (SOUSA, 2014).

---

<sup>5</sup> Antônio Anastácio de Sousa nasceu em Monsenhor Hipólito, onde durante sua juventude frequentou os espaços de lazer de Monsenhor Hipólito nos anos oitenta, sendo, portanto, importante para essa pesquisa. Atualmente, o mesmo trabalha como Promotor de Eventos e é um dos responsáveis pela casa de show Skalla Club, um dos espaços abordados neste trabalho.

Ao analisarmos os depoimentos de Antônio Anastácio de Sousa e de Mércya Naidé Bezerra de Sousa, no que se refere às relações amorosas desenvolvidas na praça, percebemos que, embora sejam memórias vindas de sujeitos distintos, elas possuem pontos em comum, como se fizessem parte da memória de um grupo. E isso traz à tona a discussão sobre os conceitos de memória coletiva e memória individual de Maurice Halbwachs (2004). De acordo com Halbwachs, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, visto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A visão de Halbwachs acerca da memória individual refere-se à existência de uma “intuição sensível”. Segundo o autor, “haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que – para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social – admitiremos que se chame intuição sensível” (HALBWACHS, 2004, p.41).

Portanto, a memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se a um ponto de vista sobre a memória coletiva. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios.

Ainda com relação à Praça Joaquim Bezerra como um espaço propício aos namoros, algo nesse sentido ocorria também na cidade de Picos na década de sessenta, onde, de acordo com a obra da autora Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira (2011), a Praça Félix Pacheco se constituía como um espaço apropriado para os encontros românticos e desfiles de casais de namorados. Segundo a autora:

De acordo com a narrativa de Ozildo Barros, a praça era também um local para namoros. Os casais se encontravam por meio de um ritual, em que os rapazes ficavam nos dois lados da entrada da praça e as moças, de braços dados às suas amigas, passeavam pelo meio da praça para serem vistas. Ao perceber a chegada de sua namorada, o rapaz encostava próximo à moça e conduzia-a de mãos dadas, em direção à parte central para ficarem mais reservados, enamorando-se. (OLIVEIRA, 2011, p. 35).

Assim como na Praça Joaquim Bezerra em Monsenhor Hipólito nos anos 1980, a Praça Félix Pacheco em Picos, na década de sessenta, possuía um caráter de espaço para relações amorosas. Só que essas relações eram desenvolvidas ao seu modo, pois como nos indica a citação acima, em Picos, os casais se encontravam por meio de um ritual diferente,



onde os rapazes se dirigiam até as namoradas e as conduziam de mãos dadas até a parte central da praça para ficarem a sós, num local mais reservado.

Em Monsenhor Hipólito, nos anos oitenta, havia também o passeio pela praça, que servia como forma de exibição dos modelitos usados pelas jovens hipolitanas. Muitas vezes, esse vestuário era importado de outros estados ou copiado das personagens das novelas. A fotografia abaixo retrata as jovens de Monsenhor Hipólito ostentando os modelitos em seus “desfiles” pela praça.



Figura 06: Jovens hipolitanas em passeio na Praça Joaquim Bezerra nos anos oitenta. Na foto, da esquerda para a direita: Sílvia, Ilsete e Ana Cláudia.  
Fonte: Arquivo pessoal de Ana Cláudia.

Contudo, o passeio à noite pela praça, normalmente acontecia só até às vinte e duas horas, horário em que as jovens, por ordem dos pais, deveriam retornar às suas casas. Já os rapazes, não tinha problema, costumavam madrugar na praça, o que traz à tona a questão das relações de poder entre o homem (opressor) e a mulher (oprimida), ou melhor dizendo, de acordo com os intelectuais feministas, entre o ser do sexo masculino e o ser do sexo feminino. A respeito desse controle de horários imposto às moças, Mércya Naidé Bezerra de Sousa afirmou em depoimento o seguinte:

Nós, mulheres, se a gente ficasse até muito tarde, já rotulavam logo, já rotulavam: “ah, essa daí é da bagaceira...” Agora homem podia amanhecer, não tinha problema. Já nós, era assim, eu lembro que pai mesmo era assim: marcava a hora de retornar. E se faltasse energia, podia ter acabado de

chegar... se faltasse energia, tinha que ir pra casa. Se não viesse, a maioria dos pais mandava buscar, ou eles mesmos iam ou mandava, do tipo, irmãos, quem tem irmãos, o irmão ia buscar, num podia ficar de jeito nenhum, e tinha hora certa da gente voltar pra casa... geralmente, no final de semana, podia demorar mais, mas geralmente nove e meia, estourando dez horas, eles já achavam tarde de mais, os pais, a maioria... muito, muito tarde. (SOUSA, 2014).

É a chamada política dos corpos, que estabelece condutas e comportamentos para a mulher, deixando-a submissa ao homem, em plena posição de inferioridade em relação a este, o que nada mais é que o reflexo do mundo machista em que vivemos. A imagem a seguir vem ilustrando jovens rapazes no final da década de 1980, permanecendo até bem mais tarde na Praça Joaquim Bezerra.



Figura 07: Jovens curtindo a noite hipolitana na Praça Joaquim Bezerra, no final da década de 1980. Na foto, destacamos José Nilton trajando calça preta com desenho de esqueleto humano.

Fonte: Arquivo pessoal de José Nilton.

De acordo com a imagem acima, pode-se perceber também a presença de crianças do sexo masculino junto aos jovens. Isto é, bastava ser homem, não importando a idade para poder ficar até tarde da noite na praça.

A Praça Joaquim Bezerra nos anos oitenta constituiu-se em um dos mais importantes espaços de lazer da cidade de Monsenhor Hipólito, lembrado pelas narrativas dos sujeitos que

viveram naquele período como o *point* da cidade. Porém, mais do que um simples lugar de lazer, a praça era um lugar favorável ao surgimento de amizades, namoros, casamentos e, sobretudo, um espaço em que as sociabilidades juvenis se fortaleciam.

## 2.2 A Igreja

A juventude hipolitana frequentava a Igreja de Santa Ana (padroeira da cidade), fazia parte da equipe litúrgica, cantava nos corais, participava das procissões e dos grupos de jovens. Contudo, a princípio, a igreja era utilizada por parte desses jovens apenas como um refúgio para sair do espaço da casa e frequentar os locais públicos. Fisicamente, ela era bem simples, sua arquitetura fazia (e ainda faz) com que as pessoas costumem lembrar-se dela, comicadamente, como “o armazém”, dada a sua semelhança com um exemplar deste. A imagem abaixo, embora seja de uma época um pouco mais recente, retrata a Igreja de Santa Ana ainda com a mesma arquitetura que tinha nos anos oitenta.



Figura 08: Igreja de Santa Ana, carinhosa e comicadamente comparada a um "armazém" pela população hipolitana. c. 2009.

Fonte: <http://www.gterra.com.br/policia/por-ciume-agricultor-mata-esposa-a-pauladas-em-monsenhor-hipolito-8964.html>. Acesso em 20/06/2014

No que se refere à Igreja de Santa Ana e à relação do público jovem de Monsenhor Hipólito com a mesma, na década de 1980, Mércya Naidé Bezerra de Sousa relatou em depoimento que

Era o Armazém, era o famoso armazém, porque ela tinha aquela estrutura, como se você excluísse ali tudo que é de desenho e deixasse só o salão, só o salão principal [...] ela era bem simples mesmo, ela tinha dois altares... só que com certeza, o que eu me recordo bem também era que era bem mais frequentada, principalmente por os jovens. Naquela época, logo a maioria das moças, o pai não queria muito deixar sair, aí a gente usava como a desculpa pra poder aproveitar um *pouquim* [sic!] na praça, a gente usava de ir pra igreja, mas terminava que, querendo ou não, todo mundo ia e assistia as celebrações. Por exemplo, Julho, você sabe que em Julho tem o novenário, os pais da gente não queriam deixar a gente sair toda noite: “*Não, mas eu vou pra missa.*” Aí a gente ia e aproveitava um pouquim na praça. Era muito mais frequentada, muito mais frequentada mesmo a Igreja. Com o tempo foi perdendo, porque hoje por ter a liberdade de sair na hora que quer, *num* [sic!] ter hora pra voltar, *cê* [sic!] termina num precisando do pretexto de ir pra igreja. (SOUSA, 2014).

De acordo com a narrativa de Mércya Naidé Bezerra de Sousa, os jovens usavam o fato de irem à Igreja de Santa Ana como justificativa para saírem de casa e voltar um pouco mais tarde. Num primeiro momento, eles iam pra igreja apenas para encontrar os amigos e, ao final da missa, aproveitar para frequentar a praça, os bares e outros espaços públicos. Mas, em nossa análise dessa prática cotidiana, entendemos que o simples fato de estar presente na igreja fazia com que esses jovens, de uma maneira ou de outra, interagissem com os momentos da celebração, fazendo desse momento um entretenimento, uma descontração. Isto é, a diversão dos jovens não se dava apenas fora do ambiente da igreja, mas também durante o tempo de permanência neste espaço. Devido a isso a Igreja era bem mais frequentada que hoje em dia, pois boa parte da juventude na atualidade já não tem mais o hábito de ir à igreja mesmo que como uma forma de subverter a imposição dos pais e, conseqüentemente, perde a oportunidade de enxergá-la como um lugar propício ao lazer. A imagem a seguir, destaca a Igreja de Santa Ana sendo frequentada por jovens da década de 1980. Neste período rapazes e moças frequentavam a referida Igreja, juntamente com seus familiares, numa prática comum e bastante apreciada pelos cidadãos e moradores da zona rural que visitavam a sede do município.



Figura 09: Rapazes e moças frequentando a Igreja de Santa Ana, juntamente com seus familiares, na década de 1980.

Fonte: Arquivo pessoal de Joaquim Antônio dos Anjos.

Algo que é importante destacar também é o fato de que algumas pessoas achavam extremamente importante ir às celebrações na igreja e, para este momento, usavam as melhores roupas, a exemplo do senhor na foto acima que está trajando um terno completo, em meio às altas temperaturas que duram o ano inteiro nessa região.

Segundo Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira, o mesmo acontecia em Picos na década de sessenta, onde parte da juventude picoense também usava a igreja católica apenas como um lugar de fuga do espaço de casa e, a partir daí, poder frequentar os espaços públicos da cidade. A seguir, segue um relato de Francisco das Chagas Silveira e Sousa<sup>6</sup> concedido à referida autora sobre esse aspecto:

[...] a gente ia para a missa, porque eu tinha uma tia e um tio que moravam aqui [...] Então a gente ia para a missa mais ou menos às sete horas (dezenove horas), eu vinha de Jaicós, me hospedava na casa dela. Eu ia para missa sim, quando não vinha com companheiros, né. Quando vinha com companheiros era um negócio mais profano, mas quando eu me hospedava na casa da minha tia, aí tinha que ir, porque ela era muito religiosa. E da missa o pessoal saía para a Praça Félix Pacheco [...]. (OLIVEIRA, 2011, p. 2011, p. 36).

Portanto, tanto em Picos nos anos sessenta como em Monsenhor Hipólito na década de oitenta, muitas moças e rapazes costumavam ir à igreja apenas para saírem de casa, pois a

<sup>6</sup> Francisco das Chagas Silveira e Sousa nasceu em Teresina-PI de onde veio para morar em Jaicós, município vizinho a Picos. Francisco Silveira possuía familiares que moravam em Picos e pela proximidade dos municípios sempre frequentava a cidade de Picos, inclusive as festas. Atualmente é professor da Universidade Federal do Piauí, formado em Ciências Sociais.

igreja não era um lugar bem prestigiado por esses jovens. Assim, estes jovens usavam o espaço sagrado como um lugar de passagem para chegarem aos demais espaços profanos, como a praça e os bares, por exemplo. Só que no caso de Monsenhor Hipólito havia um diferencial, o simples fato dos jovens frequentarem a igreja mesmo sem grande interesse, já era o suficiente para que os mesmos participassem dos rituais sagrados, sendo, portanto, constituído o momento de lazer.

A Igreja se apresentava como um espaço para as sociabilidades. De início, era apropriado por parte dos jovens apenas como um local onde era necessário passar para chegar à praça, aos bares e encontrar os amigos. Mas, tinha sua função de local de lazer efetivada, uma vez que moças e rapazes acabavam participando desse momento sagrado, resignificando-o para atender aos desejos de interação dessa juventude.

### **2.3 A Nascente**

A *Nascente* (nascente de água) também se constituiu como um dos principais espaços de lazer de Monsenhor Hipólito nos anos oitenta. Situado numa região fronteira entre as cidades piauienses de Monsenhor Hipólito e Francisco Santos, o local ainda hoje é uma área de litígio, em disputa judicial pelas duas cidades, mas que será abordado neste trabalho como lugar pertencente à Monsenhor Hipólito, devido ao mesmo estar intimamente ligado à história da cidade e por marcar de forma grandiosa a memória da população hipolitana, principalmente a dos nossos entrevistados. “*As Nascentes*”, como são conhecidas popularmente, possui esse nome devido a uma nascente de água que lá existe. Sua geografia é caracterizada por formações rochosas, verdadeiros paredões e uma grande vegetação, além, claro, do seu principal elemento atrativo de pessoas, a nascente. Todos esses elementos juntos formam um ambiente bastante agradável, propício ao lazer. De acordo com os entrevistados, a nascente se configurava como o melhor ponto turístico de Monsenhor Hipólito na década de 1980, pois era para lá que a juventude hipolitana se dirigia quando estava a fim de um dia inteiro de lazer.





Figura 10: A nascente, utilizada pela população hipolitana para tomar banho e que acabou servindo de inspiração para designar o lugar. c. 1993.

Fonte: Arquivo pessoal de Antônia Ana Bezerra.



Figura 11: Jovens tomando banho na Nasceça durante a década de 1980.

Fonte: Arquivo pessoal de Antônia Ana Bezerra.

Normalmente, aos domingos de manhã, bem cedo, os jovens de Monsenhor Hipólito partiam para as Nascentes no intuito de tomar banho nas nascentes, fazer piquenique, tocar violão, cantar, namorar, enfim, uma série de práticas inteiramente desconectadas das obrigações diárias. O relato a seguir de Antônio Anastácio de Sousa dá mais detalhes de como eram os lazeres inerentes a esse espaço:

Aquela época não tinha carro, né? A gente ia era de pé, a gente combinava pra o domingo de manhã cedo, era cinco e meia, seis da manhã, nós reunia na praça, juntava a turma todinha, homens e mulheres... nós era [sic!] mais malandro, botava as meninas pra levar galinha caipira, matava três, quatro galinha caipira, juntava uma turma grande, aí assava as galinha no sábado a noite, pra levar no outro dia. Meu amigo, naquele tempo era diferente, nós reunia [sic!] a turma todinha, aí comprava uns três, quatro litros de cachaça, aí as mulher levava o frito com as galinha assada, aí nós papocava com um violão nas costas, mas mesmo assim era gostoso, era legal. Nós passava [sic!] lá o dia inteiro, num [sic!] tinha hora pra voltar não. Nós ia [sic!] no intuito de brincar mesmo, de curtir, tocar violão, de cantar, namorar [...] ficava lá até quatro e meia, cinco da tarde. (SOUSA, 2014).

Como podemos observar, além do fato de irem para tomar banho, brincar, namorar, tocar violão, havia também um empenho com a questão da comida, já que o dia de lazer nas Nascentes era longo, era necessário levar gêneros alimentícios para permanecer por bastante tempo fora de casa, o que dava também a esse espaço um caráter de lugar para piqueniques. Sobre o uso das “Nascentes” como espaço para piqueniques e a preocupação das mulheres sobre que homens convidarem para acompanhá-las, Mércya Naidé Bezerra de Sousa, explicou em depoimento que

Nós da Miselac fazíamos muito piquenique lá nas Nascentes, aí a gente tinha os convidados. A gente fazia piquenique e convidava aqueles rapazes que a gente acha, assim, que tinham boa índole, que eram os colegas da gente e, claro, os que a gente tinha interesse de namorar, e aí a gente fazia muito piquenique, levava mesmo coisa pra fazer comida lá. (SOUSA, 2014).

De acordo com a análise das fontes orais, percebemos que as Nascentes eram bastante apreciadas pelos rapazes e moças de Monsenhor Hipólito. Em épocas de chuva, principalmente, quando a intensidade das águas era maior, esse ponto turístico era imensamente frequentado, não apenas por jovens, mas também por boa parte da população de todas as faixas etárias, que passava a frequentar o local até durante a semana, na busca por um dia mais tranquilo, com poucas pessoas. Sobre a intensa frequência das Nascentes e o desejo de frequentá-la em um dia tranquilo, Mércya Naidé Bezerra de Sousa relatou:

Por exemplo, quando chegava em janeiro, que era a época melhor, porque tinha chovido, tava tudo verdim [sic!], tinha mais água na bica, né, aí era febre. Era assim, era uma concorrência pra você conseguir encontrar um dia



pra você ir pra não tá lotado, tinha que ser tipo uma agenda. Geralmente, só não tinha muito no sábado, por causa da feira, mas de domingo a domingo... só se excluía o sábado. (SOUSA, 2014).



Figura 12: Hipolitanos curtindo um dia de lazer nas Nascentes durante a década de 1980.  
Fonte: Arquivo pessoal de Antônia Ana Bezerra.

A partir dos depoimentos registrados acima, notamos que as informações constituem também lembranças, as quais, segundo Halbwachs, podem ser simuladas ou reconstruídas. Segundo o autor, podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. A lembrança, de acordo com Halbwachs, “é uma imagem engajada em outras imagens” (HALBWACHS, 2004, p. 76-78). Por outro lado, afirma Halbwachs, não há memória que seja somente “imaginação pura e simples” ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja exterior, ou seja, todo este processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito (HALBWACHS, 2004, p. 78; 81). Dessa maneira, as lembranças acerca das Nascentes, a partir do contato com outras lembranças,

podem até ser reconstruídas, porém, nenhuma lembrança é somente imaginação pura e simples, a construção da memória é ao mesmo tempo interna ao sujeito.

Algo que também chama atenção na fotografia anterior é o fato de que as mulheres ficavam bastante a vontade nas nascenças, entre seus amigos e familiares, uma vez que usavam biquínis e maiôs sem receios, o que dava a esse lugar uma característica particular, a de um lugar propício também à exibição dos corpos, pois às vezes acontecia de alguém ir até as nascenças mais para tomar banho de sol e exibir o corpo, do que propriamente para tomar banho nas águas correntes. Devemos destacar ainda o fato de a fotografia ter sido cortada, o que pode representar, por parte da proprietária da foto, a tentativa de exclusão de algumas pessoas da memória da mesma. Ao ser convidada para fazer parte do grupo de atores sociais desta pesquisa, quando poderia ser explicado tal fato, a proprietária da foto, Antônia Ana Bezerra, por motivos pessoais se recusou a conceder entrevista, representando assim uma censura às informações que poderiam dizer respeito a possíveis desafetos, ex-namorados ou coisa do tipo.

É importante ressaltar o fato de que as Nascenças adquiriram um significado tão marcante para esses jovens que até as datas especiais como, por exemplo, aniversários, eram comemorados lá. Essa relevância fez com que o lugar fosse considerado por muitos o principal ponto turístico de Monsenhor Hipólito nos anos oitenta. Afinal, como relata em depoimento José Nilton Feitosa<sup>7</sup>:

As Nascenças era o point de encontro dos amigos da época [...] a gente sempre tinha toda data de aniversário marcada pra lá, especificando, o aniversário meu, de Hérlon, Paulinho de Pécy (in memorian), Paulinho de Neli, que mora em São Paulo, Jailton, todo mundo. Nossos aniversários era nas Nascenças, o melhor ponto turístico de Monsenhor Hipólito na época. Hoje eu num sei. A gente ia banhar, brincar, fazer a nossa comida a nosso modo, o jaburu. Nós levava o nosso sonzinho, e era música de qualidade, porque na época tinha, hoje não tem mais... levava violão, não toquei, mas cantei muito. [...] No começo de carreira de Mariozan nós tava lá tocando, ele tava comigo lá nas Nascenças. (FEITOSA, 2014).

Para os jovens, as Nascenças era um espaço que provocava encantamento, sensação de contato com a natureza, diversão, pois ir para as Nascenças era o mesmo que dedicar todo um dia ao lazer. A descontração começava logo cedo do dia, com o perfazer do trajeto, que era difícil, cheio de subidas e decidas de morros, sob um sol forte, atravessando matas, mas que ao mesmo tempo significava uma aventura, quase sempre cansativa e perigosa, porém

---

<sup>7</sup> José Nilton Feitosa nasceu em Monsenhor Hipólito, onde reside desde a infância. O mesmo, durante a juventude, além de ter frequentado os espaços de lazer de Monsenhor Hipólito, trabalhou como DJ, animando as noites hipolitanas, motivo pelo qual foi bastante lembrado pelos entrevistados no que diz respeito ao lazer hipolitano na década de oitenta. Atualmente, trabalha com um estúdio de som, gravando áudios e vinhetas.

prazerosa, e que ao final dela era recompensada com um ambiente bem agradável e, principalmente, com as nascentes e suas águas correntes que refrescavam os aventureiros depois de uma longa e desgastante caminhada. A partir daí, o restante do dia era destinado a várias práticas como piqueniques, jaburu (uma comida feita de arroz junto a um tipo qualquer de carne, preparado de maneira rústica, em meio a natureza) brincadeiras, namoros, banhos, passeios pela mata, muita bebida e música, e toda essa festa só se encerrava ao final da tarde, quando retornavam para casa.

## 2.4 A piscina

A cidade de Monsenhor Hipólito contava ainda com o *Balneário Pedra Caída*, que acabou marcando a juventude hipolitana no final da década de oitenta. Popularmente chamado de *piscina*, o balneário consistia no único clube recreativo da cidade, sendo destinado a todos os públicos. A *piscina* tinha como proprietários o senhor Antônio Ribeiro Pinto e a senhora Maria das Graças Santos Bezerra Ribeiro Pinto, o local ficava um pouco afastado da zona urbana da cidade, seu espaço físico era caracterizado por um ambiente rural, bem arborizado, com grandes pedras, tendo ao fundo morros. Além disso, o relevo do lugar era irregular, tendo a parte de baixo, onde ficava a entrada do clube e uma área plana com algumas árvores frutíferas, e acima, constituindo-se num planalto, localizava-se a piscina, a barraca e muitas pedras, que enfeitavam o local.

A piscina era para os jovens hipolitanos um lugar de diversão, onde geralmente aos domingos, estes se dirigiam para passar um dia tomando banho, pegando sol, bebendo com amigos, namorando, enfim, fazendo daquele dia um momento de lazer. Quanto à representatividade da piscina para a juventude de Monsenhor Hipólito no final da década de oitenta, segue uma das experiências narradas oralmente por Maria Sílvia de Sousa<sup>8</sup>, uma das atrizes sociais que compõem o nosso trabalho:

Pra nós, na época, era o nosso lazer. Aos domingos, principalmente aos domingos. Sempre no domingo a gente já acordava de manhã, já tinha hora marcada, dez horas partia todo mundo pra piscina. Abria cedo, mas a gente sempre descia mais dez horas. E fora isso, também a gente alugava pra fazer as nossas festinhas, tertúlias, mais reservadas com as pessoas reservadas, era um momento de encontro, era um momento de diversão aqui. Bebida na verdade a gente não tinha dinheiro pra comprar, aí a gente fazia a famosa

---

<sup>8</sup> Maria Sílvia de Sousa nasceu em Monsenhor Hipólito, onde viveu por toda sua infância e juventude, tendo frequentado os espaços de lazer de Monsenhor Hipólito nos anos oitenta e por conta disso, acumulado muitas vivências do cotidiano. Atualmente, a mesma é professora de Educação Física, formada pela UESPI.

caipirinha, a caipirinha de tamarindo. [...] era isso, era diversão, era banhar, ligava o som, ouvia, quem tinha seus namorados ia namorar, dançava, lanchava, era diversão. (SOUSA, 2014).

A partir do depoimento acima, nota-se que além dos banhos tradicionais aos dias de domingo, a piscina era também alugada pelos jovens para a realização de festinhas particulares, tertúlias, onde estas podiam ocorrer em qualquer dia da semana e, geralmente, aconteciam durante a noite, ao contrário dos banhos promovidos pelos proprietários do clube, que eram aos domingos e durante o dia.

Sobre como era um dia de lazer no *Balneário Pedra Caída*, Maria Sílvia de Sousa também comentou:

Eu chegava na piscina, a primeira coisa que eu ia era pro banheiro, me trocava, né, porque naquela época a gente era novinha, podia exhibir. A gente ia banhar, ficava nas pedras pegando sol, adorava ficar nas pedras pegando sol, botava o walkman, ficava ouvindo as músicas. [...] De lá, a gente ia pra o bar lá em cima, pra barraca, só que lá na barraca era mais lanche, essas coisas, e na verdade cada um levava seu lanche também, porque num tinha dinheiro, aí comprava um refrigerante, dividíamos o refrigerante, depois ficava batendo papo, bebendo e dançando. (SOUSA, 2014).

De acordo com o relato acima e com os demais entrevistados, o banho de piscina nem sempre era a principal atração da juventude no *Balneário Pedra Caída*, pois algo que eles até mais faziam que simplesmente ficar na água era se reunir nas pedras, visto que lá apreciavam a paisagem em meio a um vento refrescante. Nas pedras conversavam reservadamente, tiravam fotos, namoravam, realizavam várias práticas que deixavam em evidência a relevância do local como um todo, não apenas a piscina em si, mas os outros espaços do lugar, que acabavam sendo bem atraentes. A imagem a seguir destaca jovens moças utilizando umas das várias pedras do espaço para tirar fotos:



Figura 13: Jovens moças posando para fotos em uma das várias pedras existentes no *Balneário Pedra Caída*, na década de 1980. E ao fundo, a piscina. Na foto, da esquerda para a direita: Maria Sílvia de Sousa e Eugênia.  
Fonte: Arquivo pessoal de Maria Sílvia de Sousa

Como se pode notar, o *Balneário Pedra Caída*, por si só, assim como os demais espaços analisados nesta pesquisa, gera inúmeras lembranças para os depoentes, como se esse espaço tivesse uma memória “naturalmente” atrelada a ele. Isso nos remete a um conceito bastante relevante da historiografia, o conceito de “lugares de memória”, de Pierre Nora (1993). Em sua obra, na elaboração do seu conceito, Nora, primeiramente, encara a memória como um conceito diferente da história. Para ele, a busca por uma história memória, onde há a transformação da memória em história, acabou por eliminar quase que por completo aquela, e isto o faz afirmar que hoje não há mais como se ter somente memória, pois a memória existente é então história, “tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história” (NORA, 1993, p. 14).

Para Nora, essa apropriação da memória por parte da história acabou gerando uma crise, no que diz respeito à necessidade de identificação do indivíduo contemporâneo. E é em resposta a essa crise que Nora apresenta sua categoria de “lugares de memória”. Segundo ele, os lugares de memória tornam possível o acesso a uma memória reconstituída, que nos dê o

sentido necessário de identidade. Ele afirma ainda que os lugares de memória se configuram essencialmente ao serem espaço onde a ritualização de uma memória-história pode ressuscitar a lembrança, tradicional meio de acesso a esta. Portanto, segundo Nora, os lugares de memória são o único meio de acesso da sociedade à sua memória formadora, organizadora e portadora de sentidos, sendo definidos pelo seguinte critério: “só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica [...] só entra na categoria se for objeto de um ritual” (NORA, 1993, p. 21).

Ao irem para a piscina ou *Balneário Pedra Caída*, os jovens, não necessariamente, iam para tomar banho, muitas vezes preferiam até nem entrar na água, utilizavam os outros espaços do local, principalmente as pedras, para desfrutar das suas horas de lazer, mesmo que fosse apenas conversando, namorando, admirando a paisagem ou tirando fotografias.

Outro aspecto interessante bastante lembrado pelos depoentes é o de eventos que aconteciam na piscina, em especial os desfiles, os concursos de beleza, que era algo frequente na época. Todo ano eram realizados alguns desfiles no clube. Esses eventos eram um atrativo a mais para que, não apenas os jovens, mas toda a população frequentasse o lugar. De acordo com os entrevistados, nos dias em que havia esses eventos a piscina recebia muitas pessoas. Sobre os desfiles realizados na piscina, a depoente Lia Raquel Lima Bezerra<sup>9</sup> relatou:

Lá eram realizados desfiles, onde tinha escolhas, tipo assim, eles colocavam a *Garota Piscina*, né. A garota e o garoto. Teve homens também, tinha desfile também masculino naquela época, e a gente adorava! Tinha os rapazes que eram convidados pra receber as moças, que eram escolhidas da microrregião, elas vinham, participavam... esses desfiles era uma diversão! (BEZERRA, 2014).

---

<sup>9</sup> Lia Raquel Lima Bezerra nasceu em Monsenhor Hipólito e fez parte da juventude hipolitana da década de oitenta, tendo frequentado os espaços de lazer hipolitanos e, por conta disso, acumulado muitas vivências desse período. Atualmente, Lia Raquel Lima Bezerra é enfermeira, formada pela Faculdade Santa Emília de Rodat. A mesma possui também formação no curso de Jornalismo pela UEPB de Campina Grande.





Figura 14: Garotas concorrendo a um concurso de beleza realizado na piscina, no ano de 1993. Os desfiles eram realizados na borda da piscina.

Fonte: Arquivo pessoal de Joaquim Antônio dos Anjos.

Na intenção de atrair mais pessoas para o clube, os proprietários da piscina costumavam realizar concursos de beleza, que, às vezes, eram disputados por garotas da microrregião de Monsenhor Hipólito, onde cada participante representava sua cidade. Porém, também acontecia concursos e desfiles apenas com meninas hipolitanas. Um fato interessante é que os desfiles aconteciam na borda da piscina que funcionava como uma passarela para que *garotas e garotos* exibissem sua beleza.

## 2.5 O Morro da Cruz

Outro espaço bem lembrado pelos nossos entrevistados é o *Morro da Cruz*, que consistia também num grande ponto turístico de Monsenhor Hipólito durante a década de oitenta. O local era bastante visitado pela população hipolitana, principalmente pelos jovens, que costumavam se dirigir ao morro nos finais de tarde, no intuito de curtir o por do sol, conversar, paquerar, dentre outras coisas. Quanto ao físico do lugar, geograficamente, o local fica próximo ao cemitério da cidade, e, como o próprio nome diz, o espaço é um morro, um planalto, formado por muitas pedras e que possui uma cruz, que na época era de madeira, sendo esta tradicional e esporadicamente utilizada como ponto de celebração de missas e eventos religiosos promovidos pela igreja católica. A imagem a seguir retrata o Morro da Cruz nos dias atuais.



Figura 15: O Morro da Cruz na atualidade (2014).  
Fonte: Arquivo pessoal de Joaquim Antônio dos Anjos.

De acordo com Michel de Certeau, “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em compartilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente” (CERTEAU, 1996, p. 31). Nesse sentido, o hábito de ir ao morro da cruz, era diário, portanto, fazia parte do cotidiano do jovem hipolitano. De acordo com os depoentes, o Morro da Cruz era mais um lugar de lazer em Monsenhor Hipólito, o mesmo era



frequentado durante toda a semana, mas para alguns dos entrevistados, o domingo era o dia em que mais se visitava o lugar, e o horário preferido pelos jovens era mais o final da tarde ou à noite. A juventude hipolitana via no morro da cruz o lugar ideal para conversar, namorar, fazer piqueniques, ou simplesmente para ver o por do sol ou se refrescar com os ventos que lá corriam. A respeito do morro da cruz como espaço de lazer, Mércya Naidé Bezerra de Sousa relatou:

Ah, o morro da cruz era outro que era também muito, muito frequentado no final da tarde, todos os dias. Agora é claro, sempre o domingo... eu não sei porque, era o dia que as pessoas escolhiam mais, mas todos os dias era muito frequentado, a gente marcava muito de ir pra lá, levava... enchia umas sacolas com umbu, ciriguela, pitomba, e aí levava sal e ia pra lá. Na época num era história de refrigerante como hoje não. Não, *nera* [sic!] bebida, não. A gente levava limão com sal, pitomba, até mesmo goiaba, mas era mais essas coisas assim. Ia pra lá, comia, ficava lá sentado, conversando naquele *ventim* [sic!] gostoso, num tinha escadaria, num tinha nada, era difícil o acesso que só, era perigoso que só pra subir, porque venta muito lá, né. Mas era bem frequentado. (SOUSA, 2014).

Do depoimento acima, pode-se notar que o morro da cruz era palco de piqueniques, onde os jovens costumavam levar frutas para degustarem em um ambiente agradável que o espaço proporcionava. Destaque também para o difícil acesso ao local, que diferentemente de hoje, não era por meio de escadaria, e sim por uma verdadeira escalada em meio a uma superfície íngreme, formada por pedras e areia.

No entanto, o hábito de ir ao morro da cruz possuía também outras finalidades. Os rapazes e moças iam ao lugar por motivos amorosos, pois algo marcante do lazer no morro da cruz era o costume de escrever com tinta nas pedras. Geralmente, os visitantes grafavam seus próprios nomes nessas pedras, e, por vezes, tal ritual tinha um caráter idílico, quando os jovens pintavam seus nomes ao lado do da pessoa amada. A seguir, a depoente Maria Sílvia de Sousa comentou mais detalhadamente sobre este fato:

Por exemplo, eu tava paquerando com um certo menino, colocava o nome na pedra pra ficar lá, o menino ia no outro dia, era tipo um compromisso, ele via o nome e ficava sabendo que eu tava afim dele, aí ele decidia chegar em mim. É, tinha esses códigos todos. [...] Gostava de um menino, mas não tinha coragem de chegar no menino, então íamos pro morro da cruz, lanchava lá, fazia os piqueniques, admirava a paisagem, porque de lá era que via a cidade toda, [...] aí tipo assim, aí gente ia, se eu gostasse de alguém, eu colocava, Sílvia, aí um “X”, e o nome da pessoa. Aí alguém falava pra ele, ele ia lá, olhava, aí sabia que eu tava afim dele, e chegava em mim. (SOUSA, 2014).

Portanto, depreende-se do relato que o morro da cruz tinha essa característica, a de um local de comunicação entre os jovens e de iniciação de relacionamentos, por meio da grafia de palavras nas pedras, visto que as moças, diante dos padrões morais da sociedade que as proibiam de tomar a iniciativa, em tentar conquistar um rapaz, viam no costume de escrever nas pedras do morro da cruz uma forma de subverter o conservadorismo da sociedade machista em que elas estavam inseridas, e através desses “códigos”, achavam uma maneira de demonstrar seus sentimentos e intenções em relação aos rapazes, que a partir desse primeiro sinal, resolviam tomar a iniciativa de conquistar a jovem, já que tal atitude era culturalmente inerente ao homem.

O morro da cruz, na década de oitenta, apresentava-se, portanto, como um lugar de sociabilidade e lazer de Monsenhor Hipólito, visto que, foi para esse espaço que vários rapazes e moças dirigiram-se com o intuito de curtir um ambiente diferenciado, com ventos frescos, buscando também uma visão panorâmica da cidade, e que, além disso, servia como palco para lanches, brincadeiras, conversas e namoros, tornando-se assim um lugar de memória da juventude hipolitana da época.

## **2.6. Os campos de futebol**

Dentre os espaços de lazer dos jovens hipolitanos dos anos oitenta, os campos de futebol configuravam como outros espaços sociais bastante frequentados. A sociabilidade e o lazer eram efetivados tanto pelos que participavam das partidas de futebol como por aqueles que iam aos campos apenas para assistir aos jogos. De acordo com os entrevistados, a prática do futebol na década de oitenta na cidade foi algo marcante, pois o esporte era levado muito a sério, não só pela juventude, mas também por boa parte da população, que era expectadora assídua do futebol hipolitano. Os campos eram de areia ou de barro, o que demonstrava ainda a falta de estrutura da pequena cidade. Os campos mais lembrados pelos nossos entrevistados foram o *Campo do Areão*, onde hoje fica a Cohab, o da *Lazanvelha*, o das *Barrocas*, do *Goulart* e dos *Maxixes*, destacando-se o da Cohab e das Barrocas que foram os mais bem lembrados pelos depoentes.

Os hipolitanos tinham ainda o costume de formar times devidamente uniformizados para poderem se enfrentar nos campos. Dentre os times de futebol amador que marcaram Monsenhor Hipólito na década de oitenta, estão o *Flamengo*, o *Palmeiras*, o *Grêmio*, o time

da *Associação*, o *Vasco* e o *América*. Times estes que possuíam os mesmos nomes de times profissionais existentes em outros estados brasileiros. Além disso, as fardas (equipes) utilizadas pelos jogadores eram semelhantes as dos clubes profissionais copiados, o que demonstrava a enorme adoração dos hipolitanos por esses clubes. Cada um desses times possuía um líder fundador, considerado como o dono do time, que era o responsável pelo uniforme e pela montagem da equipe. As imagens abaixo destacam as equipes posando para fotos nos campos minutos antes das partidas:



Figura 16: Equipe de futebol de Monsenhor Hipólito posando para fotos, na década de 1980.  
Fonte: Arquivo pessoal de Joaquim Antônio dos Anjos.



Figura 17: Jovens jogadores de futebol de Monsenhor Hipólito posando para fotos, na década de 1980.  
Fonte: Arquivo Pessoal de Joaquim Antônio dos Anjos.



Figura 18: Jovem equipe do América de Monsenhor Hipólito posando para fotos, em outubro de 1989.  
Fonte: Arquivo pessoal de Joaquim Antônio dos Anjos.





Figura 19: Equipe da Associação no campo do Areião da Cohab, na década de 1980.  
Fonte: Arquivo pessoal de Joaquim Antônio dos Anjos.

Como se pode observar nas imagens, os campos eram geralmente de areia ou barro, cercados por árvores e matas, as traves eram de madeira. No que diz respeito aos jogadores, percebe-se que a maioria deles jogava descalço, seus uniformes tinham apenas as camisas como semelhantes, e eles tinham o hábito de tirar fotos antes dos jogos, assim como os jogadores de clubes profissionais. Sobre como se davam as relações em torno dos campos e das partidas de futebol em Monsenhor Hipólito, o depoente Antônio Anastácio de Sousa afirmou:

Aqui na cidade, na época a gente chamava o areião né, que era os campo da Cohab, mas aqui nas Barrocas mesmo, a gente ia muito daqui jogar bola. Mas o campo mesmo da gente jogar trocado como a gente falava mesmo, que jogava mesmo pra valer, era nas Barrocas. Jogamo muito, cara! Nós fazia time aqui e jogava nas Barrocas. Na época que morava lá com minha tia, nós fazia um time lá, os menino iam daqui... rapaz, dava uns jogo bom de mais. Na época aqui do areião, aí era torneio pesado, e era gente, meu amigo! O domingo aqui, o sábado à tarde e o domingo, se tivesse jogo, podia ter certeza, era lotado, era os quatro cantos do campo, era gente de mais. Hoje as pessoas num frequentam mais, o pessoal perderam a vontade, sei lá, porque antigamente, futebol amador nosso aqui era mais valorizado, hoje as pessoas num valoriza, que nós valorizava, nós brincava mesmo. (SOUSA, 2014).

Interpretando o relato acima, entende-se que era de costume “jogar trocado”, ou seja, disputar um jogo, previamente marcado, com todo empenho possível. O vencedor não ganhava nada, mesmo assim era pra valer, pois um time de um determinado lugar se deslocava até a região do adversário para jogar uma partida, e esse fato era o suficiente para que o jogo fosse encarado de forma bastante séria.

Algo que também é interessante destacar é o quão atrativo eram esses *jogos trocados*, pois os entrevistados sempre enfatizaram a questão do público que prestigiava as partidas em dias de jogos importantes, que eram sempre acompanhados por muitos expectadores. Acerca disso, Daniel Lima Bezerra<sup>10</sup> relatou em depoimento que

Dava muita gente, inclusive a gente colocava até vigia de trave. Como não tinha rede, a gente colocava vigia de trave só pra ver quando a bola entrava. E tinha muita gente, o pessoal vinha assistir, num tinha outro lazer, né? Aí quando tinha jogos [...] teve uma época aqui que o campo era cercado com uma corda, porque dava muita gente, se não invadiam o campo. E principalmente quando a gente trocava jogos aqui com Barrocas, Oitenta, Dom Expedito, Francisco Santos, Santo Antônio, as cidades vizinhas, aí dava muita gente. (BEZERRA, 2014).

Outro tipo de relação que derivava dessa prática de esporte tida como lazer – além das relações de amizade e respeito – eram também as de conflito, pois essas partidas de futebol em que cada jogador carregava imensas cargas emocionais eram repletas de confusões. Confusões estas que às vezes ficavam apenas dentro de campo, coisas de momento, não eram levadas para o dia a dia, mas que por outras vezes acabavam sendo bastante sérias, tomando até grandes proporções. Sobre os dois tipos de confusão, seguem os relatos a baixo:

Agora os jogos, de vez em quando, dava mão de tapa! Num tinha jeito não. Agora jogo dava confusão! Porque cê [sic!] sabe, sempre tem os cara mais enjoado, né? Por exemplo, Aécio de Preto era homem cheio de confusão, Aécio mais Didiço era uns homem cheio de confusão, eles achavam bom brigar. Aécio, Didiço, o finado Arnaldo, Daniel de Leó... Era engraçado também, dava confusão, mas era confusãozinha só de campo mesmo, saía e acabava. (SOUSA, 2014).

No depoimento acima, Antônio Anastácio de Sousa relata sobre as pequenas confusões, as menos sérias, que logo acabavam. Porém, abaixo, Daniel Lima Bezerra fala dos conflitos mais ríspidos que surgiam:

---

<sup>10</sup> Daniel Lima Bezerra nasceu em Monsenhor Hipólito, tendo residido na cidade nos anos oitenta e feito parte da juventude daquele período. O mesmo foi de fundamental importância para esta pesquisa uma vez que vivenciou muitos momentos nos espaços de lazer de Monsenhor Hipólito. Hoje, Daniel Lima Bezerra é funcionário da AGESPISA – Águas e Esgotos do Piauí S/A.

Sempre dava confusão, sempre dava. Dificilmente tinha jogo pra não dar um bate boca. Tinha deles que, como no maxixe mesmo, nego puxou faca lá pra matar um cara, entrou com faca dentro de campo lá. Nas Barrocas já saiu foi tiro, rapaz, num jogo de Barrocas com São Julião. (BEZERRA, 2014).

Como se pode ver, as relações interpessoais de atrito eram corriqueiras nos campos de futebol de Monsenhor Hipólito na década de oitenta, o que fez com que os entrevistados pudessem lembrar de vários casos desse tipo. Na maioria das vezes, essas sociabilidades violentas eram confusões não muito sérias, coisa de jogo, que não ultrapassavam as quatro linhas do campo. Todavia, houve casos em que os desentendimentos não ficavam só no campo, eram levados pro cotidiano, devido a intensidade desses sentimentos exaltados.

O futebol foi algo marcante na cultura hipolitana desde a formação da cidade. Os campos em que era praticada essa atividade foram palcos de inúmeras partidas. Porém, não foram só partidas por si só, pois nos campos também eram desenvolvidas várias relações, sentimentos, sensibilidades, que eram fruto da interação dos jovens, desde aqueles que iam para jogar bola, como os que iam apenas para prestigiar à beira do campo. E é dessa maneira que tais espaços se colocam como importantes lugares de sociabilidade e lazer de Monsenhor Hipólito nos anos oitenta.

## **2.7. Os bares**

Dentre os bares mais lembrados pelos atores sociais desta pesquisa estão o *Bar Quero Mais*, o *Bar de Tota*, o *Bar de Ozita*, o *Bar de Indalécio*, o *Bar de Virgílio*, o *Bar de Rogério*, o *Oásis*, a *Sawanna* e o *Skalla Clube*. É importante destacar que, segundo os entrevistados, os bares de Monsenhor Hipólito àquela época não possuíam nomes próprios, na verdade eram conhecidos e chamados pelo nome do proprietário, como se pode ver acima. Dentre os bares supracitados, os que mais foram lembrados e considerados como os principais espaços da década de oitenta estão: o *Bar de Virgílio*, que ficava localizado na rua Coronel Antônio Rodrigues, e que tinha como proprietário o senhor Virgílio de Sá Bezerra Sobrinho; o *Bar de Rogério*, que situava-se na mesma rua, tendo como proprietário o senhor Rogério de Sousa Carmo. Ainda de acordo com os depoentes, o Bar de Virgílio era o principal bar do início e de boa parte dos anos oitenta, já o Bar de Rogério teria marcado mais o final da década e o início da década seguinte. Esses espaços foram palco de muita diversão e entretenimento na década de oitenta, e a juventude hipolitana, nos seus momentos de lazer, se dirigia para tais lugares

com o intuito de beber, brincar, dançar e namorar. Sobre os bares da cidade de Monsenhor Hipólito, Daniel Lima Bezerra relatou:

Foi o principal bar na época, foi o de Virgílio, aonde era o final de semana era muito movimentado [...] O bar de Virgílio eu frequentei de mais. O bar de Virgílio era na época o de maior movimentação. O que tinha de bom no bar de Virgílio era música, dança e bebida mesmo, uma cerveja gelada, eles eram muito cuidadoso com a bebida, com a cervejinha gelada. Eram dois salões, tipo um salão de dança lá dentro, e o outro onde ficava as mesas de bebidas. O movimento do bar de Virgílio foi praticamente até ele parar, foi sempre movimentado. Depois surgiu o bar de Rogério, e inclusive eu mesmo gostava muito do bar de Rogério, porque eu nunca gostei de música alta, e quando eu ia tomar minha cervejinha, na hora que eu chegava na porta, que a música estava alta, ele corria pra o som e baixava. (BEZERRA, 2014).

De acordo com as lembranças de Daniel Lima Bezerra, os bares de Monsenhor Hipólito eram muito movimentados aos finais de semana e, eram ótimos lugares para se tomar uma cerveja gelada, dado os cuidados que o proprietário tinha na hora de atender a clientela. No caso do Bar de Virgílio, percebe-se que possuía dois salões, um destinado para as mesas e bebidas, e outro reservado para os casais dançarem.



Figura 20: O interior do Bar de Virgílio. Na foto, o proprietário Virgílio de Sá Bezerra Sobrinho posando para foto, e ao fundo o seu estoque de bebidas. c. 1884.

Fonte: Arquivo pessoal de Agamenon de Sá Bezerra.



Ainda sobre o bar de Virgílio, a depoente Maria Sílvia de Sousa comentou mais a respeito da utilização dos espaços deste bar e sobre os ritmos que marcaram o lugar:

Então, lá no bar de Virgílio, na verdade era grande, porque era dois ambientes, era um voltado pras bebidas e outro pra danças, pros casais dançar, lá se dançava muito. Então assim, a gente ficava muito na porta, né, observando os casais dançando lá dentro. [...] Os ritmos mais tocados no bar de Virgílio era o carimbó... passava forró, Luis Gonzaga, mais isso... lambadão, Amado Batista que já era muito famoso. (SOUSA, 2014).

A partir do depoimento de Maria Sílvia de Sousa, nota-se que o bar de Virgílio era bastante marcado pelas danças, visto que havia um salão voltado só para isso, além do mais, os ritmos mais tocados no lugar contribuía mais ainda para essa realidade.

Outro bar de grande significado para a juventude hipolitana foi com certeza o Bar de Rogério. A cerca da representatividade do espaço para os jovens hipolitanos, Mércya Naydé Bezerra de Sousa afirmou em depoimento que:

Tinha o Bar de Rogério, que era um bar que, pra época... ele funcionava era durante o dia, num tinha a questão da noite não, era o dia e era o sábado. Ah, o bar de Rogério, quem não tivesse lá é como se não tivesse no momento mais importante ali daquela época, ali era o point, era onde todo mundo se encontrava, era no bar de Rogério. (SOUSA, 2014).

O Bar de Rogério funcionava durante toda a semana, só que o horário de maior movimento do espaço era esse ao qual Mércya Naydé Bezerra se refere, ou seja, o sábado durante o dia. Pois à noite o movimento já era menor, aí já era hora de voltar para casa e depois se deslocar para outro espaço de lazer, ou para praça ou para algum dos clubes de festa, o que fazia desse momento no bar uma espécie de prévia ou de início do lazer que viria logo mais à noite. Sobre o Bar de Rogério e a questão dos horários de funcionamento do mesmo, Antônio Anastácio de Sousa afirmou:

O bar de Rogério foi uma febre uma época, o bar de Rogério dominou um tempo aqui. A partir do Sábado, nove, dez da manhã, a partir de nove da manhã já tava lotado já, aí era o dia e a noite, às vezes nós parava nove, dez da noite, porque o movimento já diminuía, aí depois vinha em casa, tomava banho, aí saía pro Skalla, ou pra Sawanna, na época... aí muitas vezes quando a gente tava cansado, que *num guentava* [sic!], a turma se encontrava na praça, entendeu?! (SOUSA, 2014).



Figura 21: Foto tirada no interior do Bar de Rogério na década de 1980. Na foto, da esquerda para a direita, Rogério de Sousa Carmo (o proprietário do bar) e José Nilton Feitosa.  
Fonte: Arquivo pessoal de José Nilton.

Outro aspecto de destaque que foi bastante lembrado pelos entrevistados e que se pode ver na imagem acima é a questão da decoração do bar, que era repleto de pôsteres de cantores e de bandas de sucesso da época, além de pinturas que simbolizavam as influências do momento histórico. Segundo o depoimento de José Nilton Feitosa, por muitas vezes, ele mesmo foi o responsável pela decoração do Bar de Rogério. Sobre isso ele afirmou:

As paredes eu mesmo pinteí várias vezes com Led Zepelin. E os pôsteres a gente combinava quando que ia botar e quando que ia tirar. Tinha pôster de Madonna, Led Zepelin, Scorpions, Kid Abelha, Grafite, Nenhum de nós, Engenheiros do Hawaii, Roupas Nova, todas essas bandas da década de oitenta. (FEITOSA, 2014).

Do depoimento de José Nilton Feitosa e de sua interpretação ligada à imagem acima, nota-se também que era uma juventude muito marcada pelo rock, e essa influência não se expressava apenas por meio dos pôsteres e pinturas que decoravam os bares de Monsenhor Hipólito, mas também se refletia nas roupas e nos cabelos desses jovens, que costumavam usar cabelos longos.

Portanto, os bares de Monsenhor Hipólito eram espaços de lazer para onde a juventude hipolitana da década de oitenta se dirigia. Bares que eram abertos e frequentados durante toda a semana, mas que tinham nos finais de semana dias de maior movimentação, que era marcada por uma enorme quantidade de casais dançando, pessoas apenas tomando suas bebidas preferidas, conversando, brincando, e até namorando. Eram lugares que, em certos aspectos, se assemelhavam aos clubes, pois os momentos possuíam até características de festas de clube, mas que na verdade eram apenas prévias, um começo do lazer que logo continuaria em outros espaços, nos clubes sociais, que serão estudados a seguir.

## 2.8. Os clubes sociais

Os espaços para festas que a cidade de Monsenhor Hipólito possuía na década de oitenta eram o *Sawanna Club* e o *Skalla Club*. O primeiro localizava-se na rua José Policarpo, já o Skalla situava-se (e situa-se até hoje) na rua Coronel Antônio Rodrigues. Os dois eram clubes privados, o Sawanna era de propriedade da senhora Ozita, e o Skalla tinha como proprietário o senhor Nelson Sabino Bezerra Filho, vulgo Seu Élio. De acordo com os depoentes, as principais bandas que agitavam as festas eram Banda Anjos, Bárbaros da Bossa, Linderson, Raio Laser, Aves Noturnas, MC8, Kamikase, Banda Elus, Samurai e a banda hipolitana Filhos da Terra.

Os clubes de festas eram os lugares que as moças e rapazes hipolitanos frequentavam para curtir a noite, seja dançando, conversando, bebendo ou namorando. A respeito dos clubes de festas de Monsenhor Hipólito, José Nilton Feitosa relatou:

No Sawanna, eu tive o prazer de ir a primeira festa na minha juventude com dezessete anos, mas nunca trabalhei no Sawanna, mas lembro da época. E a banda que fazia sucesso na época, chamava-se Filhos da Terra. Tive o prazer de cantar nessa banda, os Filhos da Terra, daqui de Monsenhor Hipólito. [...] Agora o Skalla Club foi dos melhores pontos de encontro da juventude, e de pessoas que já frequentavam o Sawanna, só que o Skalla é o seguinte: na época do Skalla, sexta, sábado e domingo não tinha pra ninguém, foi o point de encontro de muita gente, pessoas que iam pra brincar, se divertir, botar a conversa em dia, namorar, até casar, né? Porque aconteceu comigo. (FEITOSA, 2014).



Figura 22: O ambiente do Sawanna Club em noite de festa, na década de 1980. Na foto, Antônia Ana Bezerra.  
Fonte: Arquivo pessoal de Antônia Ana Bezerra.



Figura 23: Ambiente do Skalla Club em noite de festa, na década de 1980.  
Fonte: Arquivo pessoal de Maria Sílvia de Sousa.

A partir do relato e das imagens acima, nota-se que os dois clubes eram ótimos pontos de lazer dos jovens de Monsenhor Hipólito. Só que para o entrevistado, José Nilton Feitosa, o Skalla acabou tendo um maior sucesso, chegando a dominar os fins de semana em que funcionava. Além disso, este clube funcionava durante os três dias do final de semana, sexta, sábado e domingo, onde estes eram bastante frequentados pelos jovens, que buscavam diversão, bebida, música para dançar, como também namoro. O depoimento de Mércya Naidé Bezerra de Sousa serve para corroborar o que foi mencionado acima por José Nilton Feitosa, quando ela afirmou que:

O Skalla eu acho que marcou. O Skalla Club era assim, abria os três dias, sexta sábado e domingo, e eram lotados. Num tinha história de “*ah, no sábado...*”, hoje em dia é a sexta, né, que tá sendo mais interessante? Naquela época não. Sexta, sábado e domingo, na época era de seu Hélio, eram lotados mesmo. Muita, muita gente, todo mundo que morava na cidade ia pra o Skalla, frequentava com o intuito mesmo de dançar, de brincar. (SOUSA, 2014).

Ainda com relação ao último comentário de José Nilton Feitosa, o depoente deixa escapar o que os outros entrevistados haviam comentado a respeito, a sua marcante participação das festas e tertúlias de Monsenhor Hipólito, na década de oitenta. E essa participação teria sido, às vezes, ou como promotor dos eventos ou como DJ dos mesmos. Acerca dos momentos em que trabalhou como DJ, José Nilton Feitosa explicou que:

Na época era vinil e fita cassete. Trabalhávamos com música de qualidade. Tinha a hora do romantismo, tinha a hora da lambada e tinha a hora do forró. [...] Década de oitenta, pra mim, foi a melhor década, e acho que pra muitas pessoas, porque influenciou o rock nacional, o rock inglês, cito até a banda Scorpions, na época em oitenta e três. Quem não lembra de “*still loving you*”? E na época eu trabalhava com uma caneta, pra rodar uma fita, e um disco de vinil. Eu sou o DJ dessa época. E hoje, se for fazer, faço da mesma forma, só que hoje tá muito fácil pra trabalhar, mas entender de música é muito difícil! (FEITOSA, 2014).





Figura 24: José Nilton Feitosa trabalhando como DJ e animando as noites hipolitanas em 13 de agosto de 1994. Ao lado, seus instrumentos de trabalho como fitas cassete e a mesa de som.  
Fonte: Arquivo pessoal de José Nilton Feitosa.

O entrevistado deixa bem claro como eram as festas animadas por ele. Pois como o mesmo disse, a noite de festa tinha momentos específicos quanto ao estilo de música, havia a hora do romantismo, tinha a hora da lambada, e tinha a hora do forró. José Nilton Feitosa comenta ainda sobre seus instrumentos de trabalho, destacando o uso de discos de vinil, fitas cassetes e até uma caneta, para rebobinar estas últimas. O depoente também destacou outro instrumento de trabalho, a mesa de som.

Bom, tinha também minha mesa de som, que eu adorava. A mesa de som era só um amplificadorzinho pequeno, era um amplificadorzinho pequeno de 60 watts. E eu dava conta do recado, hein?! Fiz muita gente namorar e casar, ou separar. Às vezes acontece, né? (Risos). (FEITOSA, 2014).



Figura 25: O DJ José Nilton e sua mesa de som, um amplificador de 60 Watts em 20 de agosto de 1994. Fonte: Arquivo pessoal de José Nilton Feitosa.

A partir do relato oral de José Nilton Feitosa e da imagem acima, percebe-se que era por meio de um amplificador de 60 watts que o DJ José Nilton ou *Nill DJ* (como o mesmo se denominava) reproduzia os discos de vinil e as fitas cassetes, responsáveis por possuírem os sons que os rapazes e moças mais gostavam. Além disso, o entrevistado afirmou que seu trabalho – aliado ao seu potencial musical e todo seu aparato de instrumentos – fez muita gente namorar, se casar, ou até separar, como o mesmo admite, comicamente.

Algo também bastante comentado pelos entrevistados foi com relação aos momentos e horários das festas nos clubes. O que ocorria nos fins de semana era o seguinte: primeiramente, durante o dia e início da noite, frequentavam-se os bares – a exemplo do Bar de Rogério, de Indalécio ou do Oásis – e, posteriormente, depois da prévia curtição nos bares, é que os jovens se dirigiam para os clubes, dando a estes espaços um caráter mais finalizador

da noite. Os clubes eram os últimos lugares de lazer a serem frequentados pelos jovens nos finais de semana, pois ao final desses eventos, destinavam-se para casa. Acerca disso, José Nilton Feitosa relatou:

Os horários sempre eram num esquema certo, fechava o Bar de Rogério oito da noite, começava no Skalla às nove. Íamos até uma da manhã, só que dentro do limite, sonzinho baixo, música de qualidade! Eu acho que influenciei muito assim, ajudei muita gente a namorar. (FEITOSA, 2014).

As festas nos clubes, tanto no Skalla como no Sawanna eram precedidos por lazeres em outros espaços, até com o mesmo aspecto, como no caso dos bares, onde as pessoas bebiam, dançavam e flertavam, mas quando chegava determinado horário, era hora de se deslocar para prestigiar a principal atração da noite, a festa em um dos clubes, que, normalmente, iam até uma da madrugada.

De modo geral, nota-se que os clubes sociais de Monsenhor Hipólito na década de oitenta eram espaços escolhidos pelos jovens quando estes estavam em busca de diversão, de música de qualidade, para dançar, beber, conversar e, principalmente, namorar.

A partir deste capítulo, percebe-se que os espaços públicos e privados catalogados aqui, ultrapassavam os limites do lazer e se caracterizavam como espaços de sociabilidades juvenis em que além de proporcionar o entretenimento, a diversão com os amigos e o desenvolvimento de novas amizades, ainda eram marcados por flertes e namoros.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi retratado um pouco da história de Monsenhor Hipólito, estado do Piauí, desde seus primeiros habitantes, as suas primeiras habitações e emancipação política. A pesquisa deu ênfase às sociabilidades e aos lazeres da cidade na década de 1980, praticados, mais especificamente, pelos jovens.

Vimos que a origem da cidade está ligada à antiga fazenda Riachão, sendo que o Rio Riachão foi de fundamental importância para o desenvolvimento do povoado. Além disso, vimos os fundadores da cidade e as quais famílias eles pertenciam, o que explica, por exemplo, a extensão e a importância das famílias Bezerra e Policarpo para a cidade. Pudemos constatar também as primeiras ruas e casas edificadas, a emancipação política do povoado, a qual foi marcada por um processo conturbado, de muita agitação por parte dos políticos da região, e por uma disputa política com regiões vizinhas, além da ilegalidade da emancipação, pois a criação da cidade de Monsenhor Hipólito não preenchia os quesitos básicos estabelecidos pela lei, mas que devido a manobras políticas, teve a situação de ilegalidade desconsiderada, sendo o povoado elevado à categoria de cidade no dia 26 de julho de 1957.

Estudando os espaços de sociabilidades e lazer da cidade, vimos que os lugares mais frequentados pelos jovens e, por conseguinte, mais lembrados pelos atores sociais desta pesquisa eram a praça Joaquim Bezerra, a Igreja de Santa Ana, a piscina, as Nascentes, o morro da cruz, os campos de futebol, os bares e os clubes sociais, mais especificamente, o Skalla Club e o Sawanna Club. Notamos que nesses espaços os rapazes e moças hipolitanos desenvolviam inúmeras relações interpessoais, as quais podiam variar conforme o local frequentado, mas que, em suma, constituíam-se normalmente em lazeres como conversar, tomar banho, jogar futebol, dançar e namorar.

Ao analisarmos e deixarmos claras as várias formas de constituição das representações dos espaços sociais de lazer da juventude hipolitana da década de 1980, acabamos por problematizar as práticas do cotidiano, e esse foi o propósito deste trabalho. O lazer, na presente pesquisa, foi encarado como o momento em que são realizadas atividades que proporcionam prazer.

A principal fonte de pesquisa foram memórias de pessoas que vivenciaram sua juventude na cidade de Monsenhor Hipólito durante os anos oitenta. Notamos, portanto, que a

memória é uma fonte na compreensão das representações simbólicas do cotidiano de uma sociedade, suas experiências e suas sensibilidades.

## FONTES E REFERÊNCIAS

### a) Fontes Orais

BEZERRA, Daniel Lima. *Depoimento concedido a Allysson Pereira Bezerra*. Monsenhor Hipólito, 2014.

BEZERRA, Lia Raquel Lima. *Depoimento concedido a Allysson Pereira Bezerra*. Monsenhor Hipólito, 2014.

FEITOSA, José Nilton. *Depoimento concedido a Allysson Pereira Bezerra*. Monsenhor Hipólito, 2014.

SOUSA, Antônio Anastácio de. *Depoimento concedido a Allysson Pereira Bezerra*. Monsenhor Hipólito, 2014.

SOUSA, Maria Sílvia de. *Depoimento concedido a Allysson Pereira Bezerra*. Monsenhor Hipólito, 2014.

SOUSA, Mércya Naidé Bezerra de. *Depoimento concedido a Allysson Pereira Bezerra*. Monsenhor Hipólito, 2014.

### b) Livros

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3.ed. Rio de Janeiro:FGV, 2005.

BEZERRA, Miguel Joaquim. *Das origens às raízes. 100 Anos de Santa Ana – Padroeira de Riachão*. Monsenhor Hipólito, PI: 2007.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. *O que é Lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da Língua Portuguesa*. 7 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas: Unicamp, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 6ª reimpressão. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

### c) Capítulos de livros e Artigos

CERTEAU, Michel de. O bairro. / Os fantasmas da cidade. / Espaços privados. In: *A invenção do cotidiano*: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 37-45; 189-207.

POLLAK. Memória, Silêncio e Esquecimento. In: *Revista Estudos Históricos*. v. 2, n.3. Rio de Janeiro, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade Social: In: *Revista Estudos Históricos*. v.5, n.10. Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.

### d) Páginas da internet

BACK TO THE FUTURE. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Back\\_to\\_the\\_Future](http://pt.wikipedia.org/wiki/Back_to_the_Future)  
Acesso em 16 junho 2014.

GOBBI, Leonardo Delfim. Urbanização Brasileira. Disponível em  
<<http://educacao.globo.com/geografia/assunto/urbanizacao/urbanizacao-brasileira.html>>.  
Acesso em 06 novembro 2014.

IBGE. Disponível em  
<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=202&z=t&o=25&i=P>> Acesso em 11  
novembro 2014.

PROJETO HISTÓRIA. Disponível em  
<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf> Acesso em 08  
novembro 2014.

### e) Monografias, Dissertações e Teses

LUZ, Aylla Mara Caminha. *Cine spark: memória, lazer e sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*. 2012. 89 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012.

MÜLLER, Dalila. *Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840 – 1870)*. 338 f. Tese (Doutorado). Universidade do Vale do Rio Sinos: São Leopoldo, 2010.

OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro de. *A Geografia dos Desejos: Cidade, Lazer, Gênero e Sociabilidades em Picos na década de 1960*. 2011. 80 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011.

SANTOS, Pablo Marcel Bezerra dos. *Educação e Sociedade na cidade de Monsenhor Hipólito – PI durante os anos de 1975 a 1998*. 2012. 88 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012.

## **ANEXOS**

**ANEXO A** – Casal de namorados em frente ao *Bar Quero Mais* (meados da década de 1980).



Figura 26: Casal de namorados em frente ao *Bar Quero Mais* (meados da década de 1980).  
Fonte: Arquivo pessoal de Antônio Anastácio de Sousa.

**ANEXO B** – Jovens moças dançando no *Skalla Club*



Figura 27: Jovens moças dançando no *Skalla Club* na década de 1980.  
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Cláudia.



**ANEXO C** – Jovem casal em noite de festa no *Skalla Club*.



Figura 28: Jovem casal em noite de festa no *Skalla Club*. Na foto, da esquerda para a direita: Emília Bezerra (*in memoriam*) e Edmilson de Sá Bezerra, na década de 1980.

Fonte: Arquivo pessoal de Mércya Naidé Bezerra de Sousa.

**ANEXO D** – Noite de festa no *Sawanna Club*.



Figura 29: Noite de festa no *Sawanna Club*, na década de 1980.

Fonte: Arquivo pessoal de Antônia Ana Bezerra.

**ANEXO E** – Turma de jovens reunida em frente ao *Bar de Virgílio*.



Figura 30: Turma de jovens reunida em frente ao *Bar de Virgílio*, na década de 1980.  
Fonte: Arquivo pessoal de Mércya Naidé Bezerra de Sousa.

**ANEXO F** – Jovens moças reunidas na *Praça Joaquim Bezerra*.



Figura 31: Jovens moças reunidas na *Praça Joaquim Bezerra*, na década de 1980.  
Fonte: Arquivo pessoal de Ana Cláudia.





**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 (X) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, ALLYSSON PEREIRA BEZERRA,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
"É HORA DA CURTIÇÃO: OS ESPAÇOS DE LAZER E SOCIALIZIDADES  
 JUVENIS NA CIDADE DE MONSENHOR HIPÓLITO-PI NA DÉCADA DE 1980"  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 24 de MARÇO de 2015.

Allysson Bezerra  
 Assinatura

Allysson Bezerra  
 Assinatura